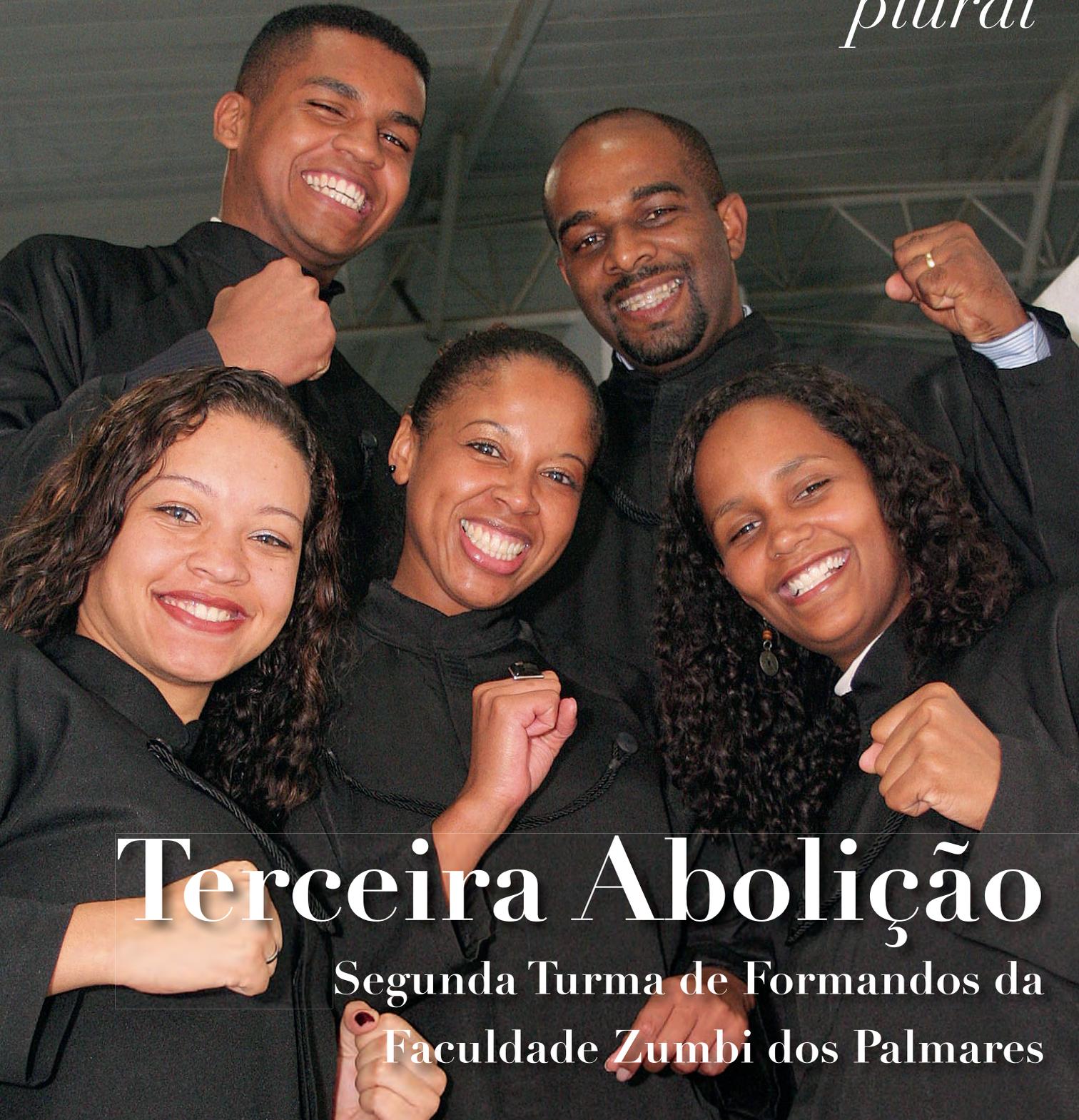


Afirmativa

ANO 6 - Nº 29 - AFROBRAS, SEM EDUCAÇÃO NÃO HÁ LIBERDADE

plural



Terceira Abolição

Segunda Turma de Formandos da
Faculdade Zumbi dos Palmares

DA DIVERSIDADE
RACIAL E CULTURAL, VEM
A DIVERSIDADE DE IDEIAS.
E, DA DIVERSIDADE DE
IDEIAS, VEM A INOVAÇÃO.

Parceria Bradesco – Faculdade
da Cidadania Zumbi dos Palmares.

No Bradesco, o respeito à diversidade não é só um valor: é uma prática concreta. Desde 2005, o Bradesco é parceiro da Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares em um programa de formação técnica, comportamental e vivencial que prepara os estudantes para ingressar no mercado de trabalho. E o Bradesco ainda mantém um grupo permanente de trabalho para a valorização da diversidade. É o Bradesco inovando também na hora de valorizar a diversidade.

bradesco.com.br

A close-up photograph of two hands shaking. The hand on the left is light-skinned, and the hand on the right is dark-skinned. The number '2000' is written in black ink on the back of the light-skinned hand. The background is a bright, clear blue sky with a hint of a horizon line. The bottom of the image features a red diagonal band.

2000

Bradesco completo

inove



Bradesco

Entrevista Especial

Carlos Alberto Reis de Paula..... 4

Capa

13 de Maio..... 8

A cor da desigualdade..... 22

O não-lugar do negro no mercado de trabalho -
Edson Santos..... 24

Transpondo barreiras culturais - Massami Uyeda..... 26

Abolição da escravatura - Lecy Brandão 28

O princípio da igualdade - Ives Gandra da
Silva Martins 32

Educação

Colégio Zumbi dos Palmares faz história da
enfermagem..... 35

Maranhão ensino de qualidade 36

Pais que tudo permitem e o futuro dos filhos -
João Luís de Almeida Machado..... 39

Agora é projeto de lei..... 42

Economia

O Brasil e a crise econômica mundial -
Helio Duarte..... 44

Cidadania

Combate ao racismo..... 48

Empreendedorismo

Paixão pela literatura negra dá negócio 50

Mercado de trabalho

Avaliação 360 graus - Magui Lins de Castro 52

Profissionais em alta - Renato Grinberg..... 54

Opinião

Cadê a máquina de lavar das mulheres negras -
Rosenildo Gomes Ferreira 56

Intolerância - Antonio Moura Reis..... 58

Perfil

Adriana conquista o Brasil.....60

Automobilismo

Smart fortwo: estilo de vida urbano..... 62

Plural

Terra para quilombolas..... 64

Agenda Cultural 67

Cultura

A cineasta que mostra nossa cara negra..... 68

Afrocentricidade..... 70

Infel dá voz às muçulmanas 71

Turismo

Lisboa convida 72

Saúde

Peles negras: cuidados especiais - Blanch Marie..... 76

Afirmativo

A discriminação nos EUA..... 78

Preto e Branco 80

ndice

Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras – Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, Centro de Documentação, através da: Editora Unipalmares Ltda., CNPJ nº 08.643.988/0001-52. Com periodicidade bimestral. Ano 6, número 29 – Av. Santos Dumont, 843 Bairro Ponte Pequena – São Paulo/SP – Brasil – CEP 01101-080 – Tel. (55 – 11) 3229 4590. www.afrobras.org.br

CONSELHO EDITORIAL: José Vicente, Francisca Rodrigues, Ruth Lopes, Raquel Lopes, Cristina Jorge, Nanci Valadares de Carvalho, Humberto Adami, Sonia Guimarães.

DIREÇÃO EDITORIAL E EXECUTIVA: Jornalista Francisca Rodrigues (MTB. 14.845 – francisca@afrobras.org.br)

EDITORA: Zulmira Felício (MTB 11.316 – zulmira.felicio@globo.com)

FOTOGRAFIA: J.C. Santos e Divulgação

COLABORADORES: Rodrigo Massi (agendacultural@afrobras.org.br), Rosenildo Gomes Ferreira (rosenildoferreira@revistadinheiro.com.br) e Carla Nascimento (carla@afrobras.org.br)

FALE COM A REDAÇÃO: Zulmira Felício (zulmira.felicio@globo.com) tel. (11) 9605-7083 ou Carla Nascimento (carla@afrobras.org.br) tel. (11) 3229 4590

ASSINATURA: Taise Oliveira (taise@afrobras.org.br) Tel. (11) 3229 4590
PUBLICIDADE: Maximagem Mídia Assessoria em Comunicação. Tel. (11) 3229 4590

PARA ANUNCIAR: Ligue (11) 3229 4590 fale com a Taise (taise@afrobras.org.br)

CAPA: foto de J.C. Santos

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA, CTP, IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

A revista Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras. A Editora não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e matérias assinadas. A reprodução desta revista no todo ou em parte só será permitida com autorização expressa da Editora e com citação da fonte.

121 anos da abolição!

Treze de maio é o aniversário da Abolição da escravatura no Brasil, uma das marcas mais tristes, vergonhosas e doloridas da nossa história.

O Brasil foi um dos últimos países a abolir a escravidão, fato aliás, feito apenas no papel, pois ao negar aos escravos direitos inerentes a todos os demais brasileiros e aos que aqui chegavam vindos livremente em busca de uma nova vida, o Brasil manteve seus negros escravos, pois continuaram alijados da sociedade, em muitos casos, com situações de vida piores do que na casa dos senhores de escravos.

Passados 121 anos, como está a real situação do descendente de escravo no Brasil? No mundo, assistimos as maiores mudanças com um presidente negro eleito por um povo declaradamente racista. Mas e aqui? Como estamos nós, negros? Já vislumbramos a possibilidade de negros nos diversos

perceberem que essa ainda é a realidade brasileira? Que continuamos sendo os mais pobres entre os pobres, que somos os mais perseguidos pela polícia entre os mais perseguidos, que somos os que mais morremos, seja por assassinato, seja por mortalidade infantil? Por que os que se pensam grandes pensadores da nossa sociedade elitizada não assumem como nosso próprio Brasil assumiu, que aqui há racismo e em sua pior forma: a velada?

Por que eles em vez de tentarem segurar seus lugares ao sol, não apresentam soluções, ou pelo menos idéias brilhantes para reduzir essas grandes diferenças?

Não queremos tirar o lugar de ninguém, nem nas universidades, nem nas empresas, nem na propaganda ou onde mais sejamos invisíveis. Só queremos nos ver representados,

poderes? Nas presidências e diretorias de grandes corporações? Ou continuamos a ser apenas os melhores jogadores de futebol – temos os Ronaldos, para citar os “melhores”; os melhores sambistas, os melhores pagodeiros, as melhores cozinheiras etc e tal.

Em pleno século XXI ainda precisamos discutir o lugar do negro brasileiro na sociedade, discutir cotas – se são legais, ilegais ou imorais; discutir a não presença nos melhores postos de trabalho, na política, na sociedade, racismo às avessas e por aí vai.

Mesmo depois da pesquisa do IBGE mostrando que nós negros seremos maioria já a partir do próximo ano, não nos vemos representados dignamente.

Continuamos com nossas rendas muito abaixo da dos brancos, mesmo estudando tanto quanto.

O que falta para os grandes intelectuais, os tais formadores de opinião, a grande imprensa, os detentores do capital,

já que somos maioria nesse nosso querido país. Então, por que não nos darmos as mãos e trabalharmos para que a verdadeira abolição seja feita no Brasil e que sejam repassados aos seus filhos de pele escura, o que lhes é de direito?

E para isso nem é preciso tanto trabalho. Basta nos dar oportunidade, que mostraremos que somos tão capazes quanto qualquer outro de pele branca ou amarela. Só queremos isto: oportunidade para mostrar nosso valor, assim como fizeram os 241 alunos da segunda turma de formandos da Faculdade Zumbi dos Palmares, que sorriem felizes na capa desta edição, comemorando seus canudos e seus empregos, pois a grande maioria já está muito bem empregada e mostrando o seu valor.

Brasil, mostra a sua cara!

Boa leitura

Francisca Rodrigues
Editora executiva

ditorial

ministro negro
que faz
história
no Tribunal Superior
do Trabalho

No dia 25 de junho de 1998, o magistrado Carlos Alberto Reis de Paula, 65, entrou para a história como o primeiro negro a se tornar ministro de uma Corte Suprema do Brasil. Dez anos depois, ele voltou a ser um marco quando foi nomeado, no dia 2 de março deste ano, primeiro Corregedor-geral negro do Tribunal Superior do Trabalho.

Por: Carla Nascimento, da Redação

Nascido em Pedro Leopoldo (MG), Carlos Alberto é comendador da ONG Afrobras– Sociedade Afrobrasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural. Mestre (1984) e

doutor (2000) pela Universidade Federal de Minas Gerais, tem sua carreira marcada pelo compromisso com as questões sociais, fatos que aponta nesta entrevista exclusiva concedida à *Afirmativa Plural*. Costuma dizer que os magistrados devem “estar próximos da realidade para, efetivamente, poder transformá-la”.





Foto: João Alfredo/TST

Afirmativa: *O que significa para o TST ter um Corregedor-geral negro e qual o seu papel?*

Min. Carlos Alberto Reis de Paula: Dentro do TST é normal, pois entre nós o tratamento é de absoluta igualdade. Para a sociedade é que tem relevância, porque revela que um negro pode desempenhar papel importante na composição institucional da sociedade. O Corregedor-geral tem como atribuição cuidar para que as Varas de Trabalho e os Tribunais Regionais prestem o melhor serviço à sociedade.

Afirmativa: *O senhor foi o primeiro ministro negro a fazer parte de uma corte superior no Brasil. A sociedade está mudando?*

Min. Reis de Paula: A situação hoje é diversa, com ministros negros nos Tribunais Superiores, a começar do ministro Joaquim Barbosa, do STF (Supremo Tribunal Federal). Mas, para vivermos em uma sociedade de

fato igualitária, temos muito a caminhar, principalmente em termos de consciência de que, realmente, há discriminação racial no Brasil. Ou é mero acaso que a maior parte dos pobres no Brasil são negros?

Afirmativa: *Não são comuns processos trabalhistas que tenham como matéria a discriminação racial. Como corrigir isso?*

Min. Reis de Paula: Poucas são as lides que se fundamentem em discriminação racial. Duas reflexões se impõem: os negros têm de perceber quando são discriminados no trabalho por motivo racial. Quanto ao Judiciário, entendo que a reflexão sobre a discriminação racial no Brasil é que deve ser levada para dentro do Judiciário, o que já tem ocorrido.

Afirmativa: *Juízes e magistrados já despertaram para a questão racial?*

Min. Reis de Paula: Cada vez mais se acentua para juízes e magistrados a

questão racial, o que é fundamental para que a sua atuação seja vigorosa.

Afirmativa: *Na Escola Nacional de Formação e Aperfeiçoamento de Magistrados do Trabalho existe orientação no sentido de sensibilizar para as questões raciais?*

Min. Reis de Paula: Quando fui diretor da Enamat, dentre as nossas preocupações, nos cursos de formação inicial, inserimos de forma incisiva a reflexão sobre a discriminação na relação de trabalho, entre a qual a racial.

Afirmativa: *O fato de normalmente as vítimas de racismo serem pobres e assistidas por advogados do Estado levam à impunidade?*

Min. Reis de Paula: A circunstância de não poderem arcar com o custo de um processo e o fato de a assistência judiciária gratuita no Brasil, infelizmente, ainda não ter uma boa estrutura, faz com que a impunidade continue a ser alimentada. ■

NOVO.

HSBC Direct. Simples e direto ao ponto como o título do nosso anúncio.

Você abre sua conta pela internet* e faz tudo pelo computador, telefone ou caixa automático.

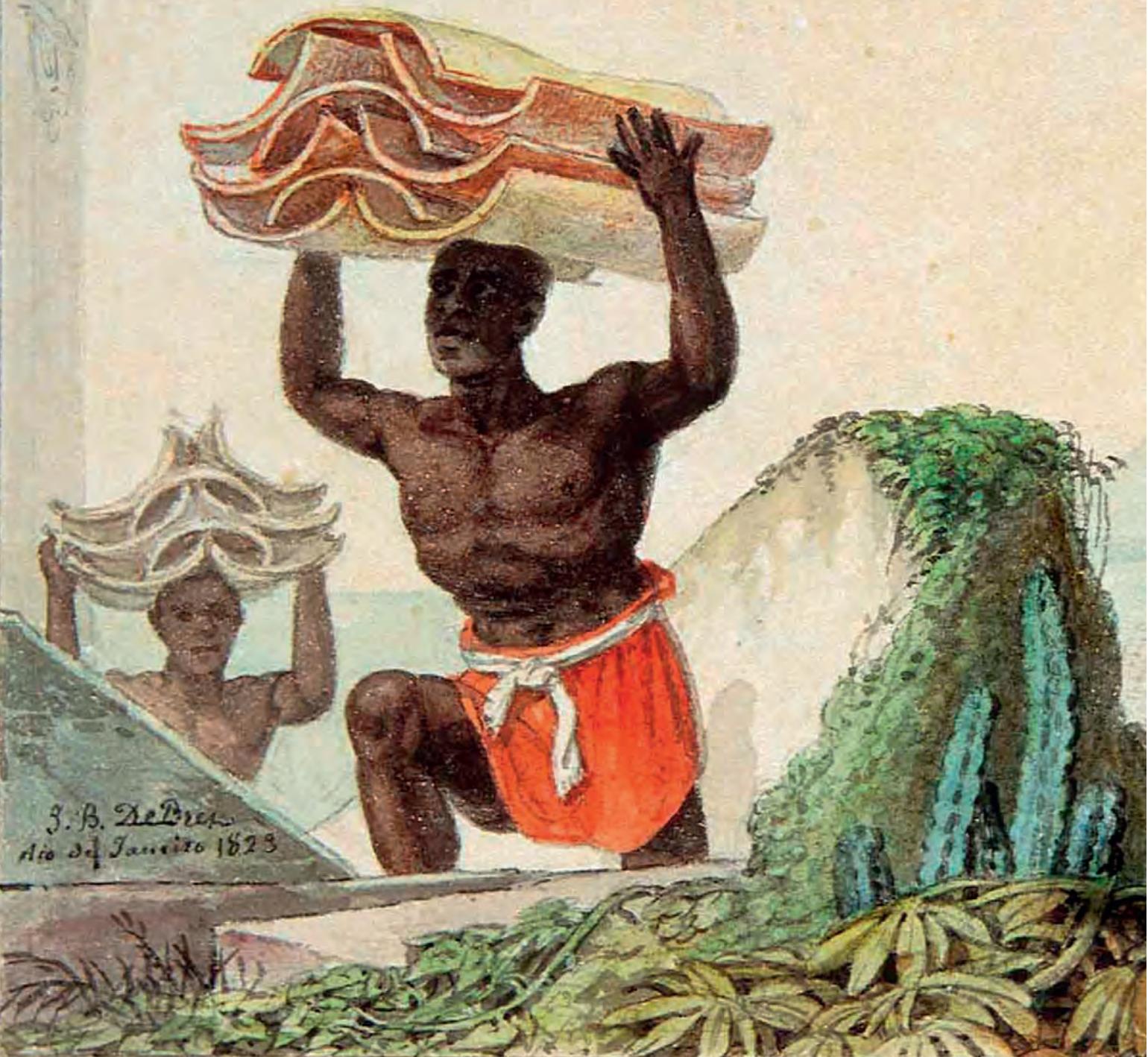
▶ Saiba mais acessando hsbcdirect.com.br

HSBC  **Direct.**

Direto como você

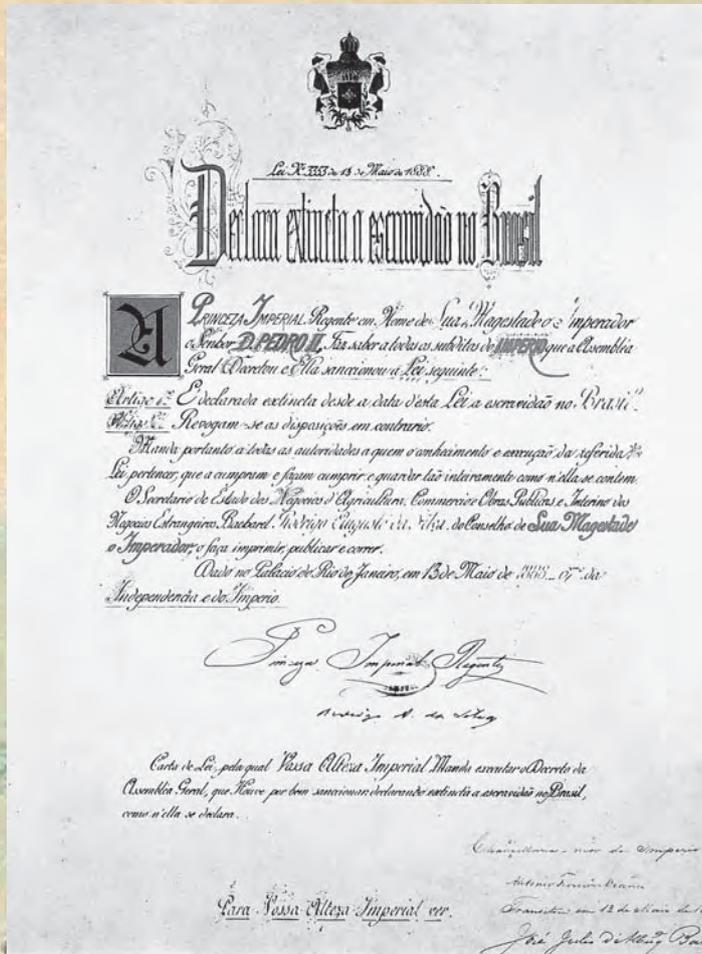
121 anos

Por: Eliane Almeida



J. B. DeBross
Rio de Janeiro 1823

de Liberdade



Depois de 121 anos de abolição da escravatura, como anda a situação do negro brasileiro? Que liberdade é lhe dada? Negros e brancos são iguais diante da Lei. Mas e na sociedade? E nos bancos das universidades? E no mercado de trabalho? Em pleno século XXI ainda é preciso discutir o lugar do negro brasileiro na sociedade. Ao ser negado a ele, no pré e pós-abolição, o direito de políticas de inclusão que o fizesse parte efetiva da sociedade, iniciamos um caminho de exclusão institucional.

No resto do mundo já é possível verificar a transformação acontecendo. Barack Obama, homem negro, descendente de africanos e brancos americanos, transformou um sonho em realidade. Os EUA, país mais ra-

cista do mundo, elege seu primeiro presidente negro. Nos esportes de elite de maioria branca, como a Fórmula I, o inglês Lewis Hamilton dá cor ao *podium*. Sagra-se primeiro negro a ser campeão mundial do Grande Prêmio do Brasil, em 2008.

Negros de todo mundo vibram com essas conquistas porque são vitórias de todos. São as barreiras da cor caindo por terra. No Brasil, dados do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), no estudo *Desigualdades Raciais, Racismo e Políticas Públicas: 120 anos após a Abolição*, aponta duas grandes revelações: a quantidade de negros no país deve superar a de pessoas brancas. Entretanto, se falando de renda, de acordo com Mário Lisboa Teodoro, doutor

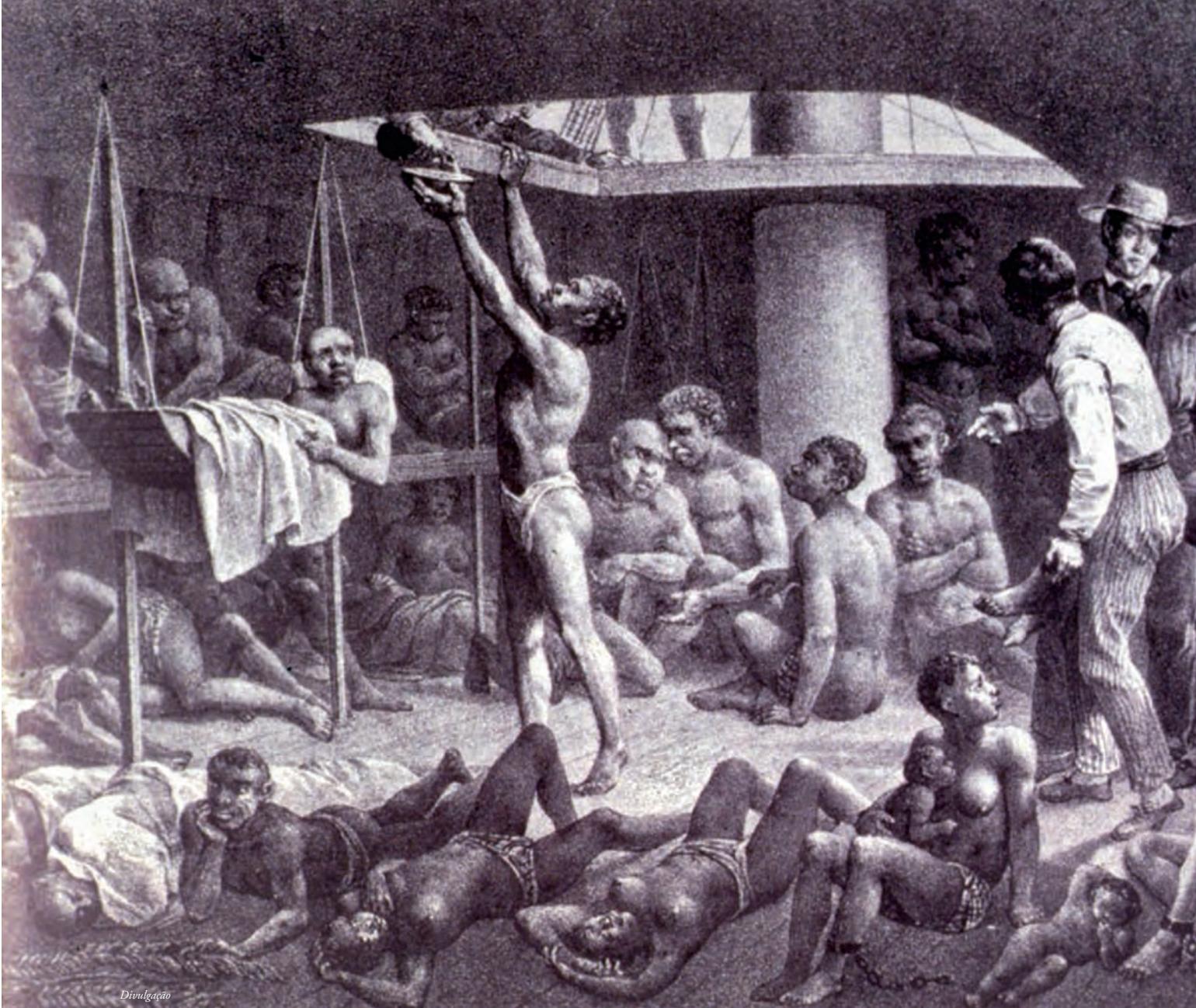
em Economia pela Université Paris I, Sorbone, e Diretor de Cooperação e Desenvolvimento do Ipea, “sendo muito otimista, somente em 2040, poderá vir a equiparação salarial entre negros e brancos”, pondera.

Retrato das desigualdades

Num processo excludente, cresceu, em berço esplêndido, a sociedade brasileira. País marcado por desigualdades sociais, econômicas, regionais, etárias, educacionais, vem buscando, através de relatórios anuais, entender a dinâmica das diferenças no Brasil. No relatório Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, em sua 3ª edição, documento desenvolvido pelo Ipea junto ao Unifem (Fundo de De-



Barack Obama



Divulgação

envolvimento das Nações Unidas para a Mulher) e à Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, é possível perceber que, num aspecto geral, o negro vem conseguindo melhorar sua situação. Mas, a desigualdade ainda é algo inegável.

De acordo com Marcio Pochmann, presidente do Ipea, o legado cultural escravocrata e patriarcal é, ainda, de tal forma profundo que, homens e mulheres, brancos e negros

continuam a ser tratados desigualmente. “Apesar da igualdade formal, presente na letra da lei e de importância inquestionável, é na vivência cotidiana que a ideologia que reforça iniquidades de gênero e raça é mais explicitamente percebida”, diz.

Diferença inegável

O estudo do Ipea aponta o importante fenômeno identificado ao longo dos últimos anos que se refere

ao aumento da proporção de negros na população brasileira. Entre 1993 e 2007, a proporção de negros aumentou de 45,1% para 49,8%, enquanto a de brancos, inversamente, passou de 54,2% para 49,4%. O aumento da população que se identifica como preta ou parda ocorre em praticamente todas as faixas etárias, indicando que não se trata de uma questão geracional de autoafirmação identitária ou de uma

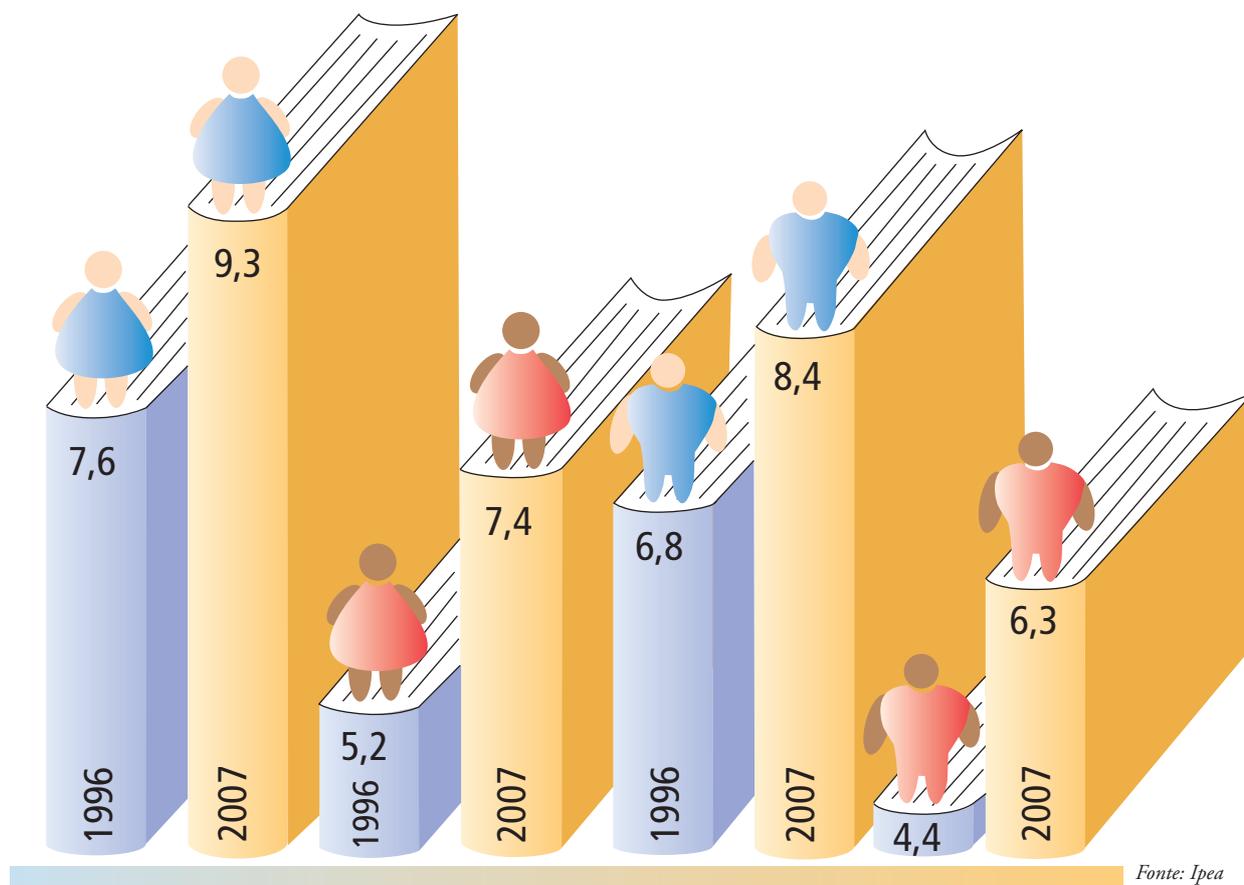
maior taxa de natalidade da população negra. A população brasileira vem demonstrando mudanças na sua forma de auto-declaração de pertencimento a um grupo de cor/raça, o que sinaliza que os padrões culturais populacionais vêm se alterando nos últimos anos.

Políticas públicas na área educacional implementadas nos últimos 15 anos também tiveram um impacto significativo na melhoria dos indicadores sociais. Em 1993, a taxa de analfabetismo para homens brancos de 15 anos ou mais era de 9,2%, caindo para 5,9%, em 2007. As diferenças ficam claras ao compararmos os dados atuais sobre educação no país. As mulheres brancas que, estu-

davam em média, em 1996, 7,6 anos, estudavam, em 2007, em média 9,3 anos. A realidade das mulheres negras é bem diferente. Se em 1996, a média era de 5,2 anos, em 2007, a média foi para 7,4 anos. Os resultados apontam para uma melhora considerável no nível educacional, mas a diferença ainda é bastante grande. Se em 1996, a diferença era 2,4 anos a mais de estudo para as mulheres brancas, hoje a diferença é de 2,1 anos.

A taxa de desemprego para maiores de 16 anos é de 5,3% para homens brancos, 6,4% para homens negros, 9,2% para mulheres brancas e 12,2% para mulheres negras. Discrepante mesmo é o valor da renda média entre homens

e mulheres, brancos e negros. Enquanto o homem branco ganha, em média R\$ 1, 2 mil, o homem negro ganha R\$ 700,00, a mulher branca R\$ 600,00 e a mulher negra R\$ 400,00. Esta última, dentre os desiguais, é a mais desigual. O relatório mostra ainda que as informações sobre posição na ocupação revelam a situação de grande precariedade vivenciada pelas mulheres negras. Por um lado, elas apresentam as mais altas proporções no trabalho doméstico (21,4%) e na posição de produção para próprio consumo e trabalho não remunerado (15,4%); e, por outro, as menores proporções de trabalho com carteira assinada (23,3%) e de empregador (1,2%),



Fonte: Ipea

Diferenças de anos de estudos entre brancos e negros



Divulgação

ocupando, assim, como confirmam os dados de renda, a pior posição na escala social.

O movimento do negro no Movimento Negro

Clóvis Moura em seu livro *Quilombos: resistência ao escravismo*, diz que onde existia escravidão existia quilombo. Diz ainda que o quilombo foi apenas um dos vários meios que os negros criaram como forma de resistência. “A fim de se salvaguarda-

rem social e mesmo biologicamente do regime que os oprimia, os negros recorreram a diversas formas de resistência, como guerrilhas, insurreições urbanas e os quilombos”, explica. Acredita-se que essas rebeliões dos escravos foram fortes motivos para a libertação dos cativos nos primeiros dias do ano de 1.888.

Lília Moritz Schwarcz, em sua obra *Retrato em Branco e Negro*, explica que o sociólogo Octávio Ianni possuía outra visão do processo da abolição. Afirma que ele procura

provar que a abolição da escravidão foi antes de tudo um “negócio de brancos”. Segundo ele, os escravos, inseridos em condições econômicas, jurídicas, políticas e sócio culturais específicas, não tinham qualquer possibilidade de “elaboração como coletividade e compreensão crítica da própria situação”.

Para contrapor a posição de Ianni, Lília Schwarcz utiliza os argumentos de outro autor, Warren Dean, que ao analisar o processo de libertação dos escravos em Rio Claro, também chega



Foto: acervo de Francisco Lucrécio

Reunião de participantes da Frente Negra Brasileira

à conclusão de que “é inaceitável considerar os escravos como seres inertes e passivos no decorrer do século XIX”. Ao contrário, mostra como nessa cidade os escravos, através de fugas e rebeliões, promoveram sua emancipação de fato, não restando aos proprietários qualquer outra opção.

Organizados em irmandades religiosas, os negros ensinavam uns aos outros a ler e escrever além de fortalecer os laços culturais. A proibição

do acesso a negros às instituições de ensino, em meados do século XIX, impulsiona-os a encontrar novos caminhos na busca de soluções para seus problemas sociais.

Antonia Aparecida Quintão, em seu livro *Irmandades Negras: outro espaço de luta e resistência (1870-1890)*, explica que os negros utilizaram as estruturas católicas das irmandades como entidades de classe. Buscavam, nessas organizações, manter o princípio central

das confrarias medievais de congregar pessoas da mesma cor e promover assistência mútua. Das irmandades mais conhecidas no Brasil podemos citar a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e a de São Benedito dos Homens Pretos que permanecem fortes até os dias de hoje.

Não só na educação como também na vida política a comunidade negra passa a tomar corpo. Unidos pelas necessidades de serem vistos como cida-

dãos, inicia-se um processo de politização da população negra. Num primeiro impulso, nasce a Imprensa Negra.

Esta imprensa nasceu com o intuito de mostrar a vida cultural e social da comunidade negra, como as festas, bailes, concursos de beleza, entre outros eventos. Tal ação tinha como objetivo a reafirmação e busca da identidade cultural do negro. Junto com o caráter de protesto, alguns desses jornais ampliaram seus objetivos reforçando a

importância da educação e o combate ao analfabetismo. E não pararam por aí. Além de desenvolver um meio de comunicação que fortalecia a ideologia do universo negro, criaram um movimento político que nasceu com a criação da Frente Negra Brasileira.

Frente Negra Brasileira

Nascida nas terras da garoa, em 1931, a Frente Negra Brasileira mostra a força e a garra de um movimen-

to político majoritariamente negro. Foi um movimento social que, diferente das outras entidades negras que tinham como mote a recreação e a vida social, buscava a conquista de novas posições para o negro em todos os setores da vida brasileira.

Francisco Lucrécio, militante da Frente Negra Brasileira desde seu início, em entrevista a Marcio Barbosa para publicação do livro *Frente Negra Brasileira*, conta que a criação do

Foto: acervo de Francisco Lucrécio



Registro de evento da Frente Negra

A VOZ DA RAÇA

O RECUEITO - O CÔR DO BRASIL - O CÔR DOS NEGROS - O CÔR DOS POBRES - O CÔR DA SÍNTI

Revista Mensal - Ano 13 - N.º 155 - Maio 1935

Redação: Rua da Assembleia, 100 - São Paulo - SP

Administrador: Dr. Armando de Castro

Proprietário: Dr. Armando de Castro

Editor: Dr. Armando de Castro

Assessor: Dr. Armando de Castro

Correspondentes: Dr. Armando de Castro

Colaboradores: Dr. Armando de Castro

Assinaturas: Dr. Armando de Castro

Publicação: Dr. Armando de Castro

"A VOZ DA RAÇA" - revista de situação política (de esquerda) em defesa da raça negra, da origem da raça humana, da história da raça humana, da cultura da raça humana, da moral da raça humana, da religião da raça humana, da filosofia da raça humana, da ciência da raça humana, da arte da raça humana, da literatura da raça humana, da música da raça humana, da dança da raça humana, do teatro da raça humana, do cinema da raça humana, do rádio da raça humana, da televisão da raça humana, da imprensa da raça humana, da comunicação da raça humana, da informação da raça humana, da educação da raça humana, da saúde da raça humana, da segurança da raça humana, da justiça da raça humana, da paz da raça humana, da liberdade da raça humana, da igualdade da raça humana, da fraternidade da raça humana, da solidariedade da raça humana, da cooperação da raça humana, da harmonia da raça humana, da unidade da raça humana, da fraternidade da raça humana, da solidariedade da raça humana, da cooperação da raça humana, da harmonia da raça humana, da unidade da raça humana.

ALVORADA

ANO XXVIII - PELOTAS, 5 DE MAIO DE 1935 - N. 48

NOVA FASE - Periódico Literário, Noticioso e Crítico

Proprietário: JUVENAL M. PENNY

Colaboradores diversos

Redatores diversos

Vencendo Uma Luta Titanica!

Galhardamente combatendo os mal e os obstáculos que se antepõem ao curso progressivo do jornalismo periódico, a "Alvorada", com grandes e gloriosos sacrifícios, completa hoje os seus 25.º aniversários de publicidade, vencendo assim, gradativamente, uma luta titanica que só nós a conhecemos. Não fosse estar o nosso jornal, apoiado no ideal

NOVO

DIRTOR: ARMANDO DE CASTRO

ANO 1 - SÃO PAULO, SABADO, 29 DE JUNHO DE 1935 - SEM 1

EM ESTUDO DA CRIAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DA AFRICA

DIFÍCIL SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS AFRICANOS A BASE DAS FRONTEIRAS ATUAIS

SITUAÇÃO - No estudo da criação dos Estados Unidos da África, a base das fronteiras atuais é um problema de extrema importância. A solução deste problema depende da adoção de uma política de fronteiras que seja justa e equitativa para todos os povos da África.

HOMENS DE COR

Sim

COM MUITA HONRA e com GARCÊZ e SALZANO

candidateiros de ADHEMAR e de GETÚLIO

ISTO É DO POVO!



MUNDO NOVO - SP - 1950

Dirigido por Armando de Castro, foi o jornal que convocou o grupo negro para participar de campanhas políticas ou eleitorais, reivindicando direitos, participação e representação política efetivas. Pela primeira vez as relações entre negros e brancos são apresentadas a nível de uma luta de classe.

Quilombo

vela, problemas e aspirações do negro

1.º CONGRESSO DO NEGRO BRASILEIRO

ABDIAS NASCIMENTO

ANO II - RIO DE JANEIRO, JANEIRO DE 1950 - N.º 5

NOVO HORIZONTE

ANO VIII - Rio de Janeiro, 102 - Rua 23-2350 - SETEMBRO DE 1951 - N.º 11

Os Três Grandes de São Paulo

Exaltação Mãe Preta!

Raul J. Anzari

Fernando Góes

Inactualidade do Negro Brasileiro

Tribuna Negra

LUIS GAMA



MUNDO NEGRO

(Out 28 páginas)

Um negro brasileiro, que vive em São Paulo, escreve sobre a situação do negro brasileiro em São Paulo. Ele discute a importância da luta política e social para a melhoria da condição do negro brasileiro. Ele também menciona a necessidade de uma organização política que defenda os interesses do negro brasileiro.

Um negro brasileiro, que vive em São Paulo, escreve sobre a situação do negro brasileiro em São Paulo. Ele discute a importância da luta política e social para a melhoria da condição do negro brasileiro. Ele também menciona a necessidade de uma organização política que defenda os interesses do negro brasileiro.

Um negro brasileiro, que vive em São Paulo, escreve sobre a situação do negro brasileiro em São Paulo. Ele discute a importância da luta política e social para a melhoria da condição do negro brasileiro. Ele também menciona a necessidade de uma organização política que defenda os interesses do negro brasileiro.

Um negro brasileiro, que vive em São Paulo, escreve sobre a situação do negro brasileiro em São Paulo. Ele discute a importância da luta política e social para a melhoria da condição do negro brasileiro. Ele também menciona a necessidade de uma organização política que defenda os interesses do negro brasileiro.

Partido Negro se deu pela indignação de seus sócios, já que todos eram participantes de todas as ações do País, menos da política efetivamente.

“O negro participa, assina, contribui, vota nos candidatos apresentados pelo partido; criam-se movimentos religiosos e o negro participa. Mas nunca o negro assume a liderança nem no partido nem no clube de futebol. Quando nós fundamos o partido político alegavam que nós estávamos sendo separatistas, então respondíamos: o partido político da Frente Negra é democrata, defende a democracia, defende os direitos humanos. Tudo que vocês colocam no partido nós também colocamos. Agora, se vocês não vêm pro [sic] nosso partido, quem faz o racismo, quem faz o preconceito, somos nós ou vocês?”, conta Lucrécio. E ele diz ainda: “Nenhuma outra entidade cuidou das reivindicações sociais e políticas e enfrentou o preconceito assim como a Frente Negra fez”.

A Frente Negra também buscava igualdade de condições no quesito educação. Na instituição existiam núcleos de esporte, música, feminino, educacional, instrução moral e cívica.

Conta Lucrécio que uma das maiores conquistas da Frente Negra Brasileira foi o curso de alfabetização que tinha o nome de “Educação Moral e Cívica”. “Os negros eram pouco alfabetizados e tinham dificuldades até para frequentar a escola. [...] Nos cursos, os professores davam aulas gratuitamente. [...] A escola da Frente Negra era formada por quatro classes, com professoras nomeadas pelo go-

verno. Nas classes a gente aceitava até filho de japonês. A escola foi muito importante, principalmente quando a Frente Negra se aprofundou na questão política. Precisaria que o negro se alfabetizasse para tirar seu título de eleitor e poder votar”, explica.

“A Frente Negra Brasileira na certa foi o grande marco na história do negro brasileiro. No dias de hoje é difícil imaginar que, em plena década de trinta, um grupo de jovens negros (homens e mulheres) se organizaram e montaram o mais completo e organizado Clube Associativo da Comunidade Negra Brasileira, onde a parte social e recreativa ficava em segundo plano. Mas, o que realmente norteava esta instituição era um programa que direcionava os negros para conquistar posições em todos os setores da sociedade brasileira. Não obstante, eles enveredaram política adentro, a tal ponto que em pouco espaço de tempo eles estavam presentes em vários Estados brasileiros”, diz Fernando Penteado, neto de Frederico Penteado, o ativista Frederic ão, como era conhecido na Frente Negra Brasileira.

No entendimento de Penteado, “a Frente Negra realmente é tudo o que nós nos dias de hoje aspiramos para nossa comunidade, mas a desunião e a falsa liberdade que hoje impera nos proibem de alcançarmos estes anseios. Enquanto eles pensavam em união, em sociedade e na sobrevivência da classe, hoje nós pensamos primeiro em nós e depois, mas bem depois, olhamos para o lado para ver se alguém precisa de alguma coisa, daí já é tarde e mais uma vez caminhamos para o nada”.

E hoje, como andam as coisas?

Apesar de os estudos dos institutos como IBGE e Ipea apontarem para uma melhora sensível na qualidade de vida da população negra, as desigualdades continuam gritantes. A população universitária continua sendo, em sua imensa maioria, branca. As mulheres negras continuam na base da pirâmide social. A população que habita as favelas continua sendo, de acordo com pesquisa de 2007 do Ipea, predominantemente negra. Em 1993, 3,2% dos domicílios estavam em favelas ou assemelhados, em 2007 esse valor foi de 3,6%.

Diz o relatório que, se em alguma medida, esta distribuição reflete a verificada para o conjunto de domicílios brasileiros, por outro pode-se perceber que há uma sobre-representação da população negra vivendo em favelas, o que reforça, mais uma vez, sua maior vulnerabilidade social.

O professor Bruno Konder Comparato, doutor em ciência política pela Universidade de São Paulo, professor da Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares, explica que a diferença na sociedade está calcada na má estrutura do Brasil na sua formação. “Ao analisar a realidade do negro no Brasil, lembro-me de um trabalho clássico do sociólogo inglês T. H. Marshall que afirmava, em 1949, que existe uma tensão entre a tendência à igualdade, em consequência da expansão dos direitos, e a tendência à desigualdade, em consequência do desenvolvimento do capitalismo”, diz o professor.



Foto: acervo de Francisco Lucrécio

Crianças na sala de aula da Frente Negra Brasileira

Bruno Comparato explica ainda que o problema é que o projeto de Brasil que se desenhou não tinha um planejamento e que todas as ações foram tardias. “O historiador José Murilo de Carvalho mostra, em seu livro *A Cidadania no Brasil*, que não faz sentido falar de direitos civis antes do século XX, pois até o final do século XIX ainda tínhamos escravidão”, diz.

O professor interpreta ainda palavras de Joaquim Nabuco para fortalecer sua opinião sobre a importância da educação no processo de crescimento da população negra. “Joaquim Nabuco confere um papel decisivo à educação para a superação

do resultado de trezentos anos de escravidão e a necessária transformação da sociedade. Mas não se trata de garantir o acesso à educação. Trata-se de oferecer uma educação transformadora que tenha por objetivo mudar as relações sociais e as instituições políticas que estão aí desde os tempos do Brasil Império”.

E Bruno Comparato conclui: “Se os injustiçados buscarem com o diploma apenas ascender ao andar de cima da sociedade para em seguida mimetizar o comportamento dos bacharéis e pensarem e falarem como a classe dominante, de nada terá valido tanto esforço e tanto estudo”.

Transformação com Zumbi

Sistema de cotas, PROUNI, bolsas de estudos, incentivos através de estágios. A população tem tido maior acesso à educação superior através de várias políticas públicas oriundas de lutas e buscas do Movimento Negro. Atualmente, é realidade a entrada de jovens negros em grandes empresas por fazerem parte do grupo seletivo de universitários.

Em São Paulo, no próximo dia 15 de maio, a formatura de 240 alunos da Faculdade Zumbi dos Palmares, no curso de Administração de Em-

presas, fecha com chave de ouro um processo longo de luta pela igualdade e de inclusão através da educação.

A trajetória da cor

Independente da existência de um grande desnível no tempo de escolaridade no ensino superior entre brancos e negros, com prejuízos para os últimos, fatos concretos como o dos estudantes da Faculdade Zumbi dos Palmares que, mesmo antes de formados vêm conquistando mudanças significativas no rumo de suas vidas pessoal e profissional, são referências de que é possível romper com o processo de exclusão no acesso ao ensino superior.

A Zumbi dos Palmares comemorou no ano passado a formatura de 126 alunos. Este ano, festeja com outros 241 do curso de Administração, já reconhecido pelo MEC (Ministério da Educação).

Os novos formandos são indivíduos com histórias de vida que se repetem. Estudam, trabalham, moram longe do trabalho e dos estabelecimentos de ensino, dormem pouco, batalham. “No início parece ser fácil levar a faculdade, mas no final temos que ser perseverantes para concluir os estudos. Agora, diante da festa de formatura, sinto certo alívio, como parte do dever cumprido; porém sei que ainda há um longo caminho a percorrer”, diz Rodrigo Pereira Leandro, 24 anos, residente no bairro da Brasilândia (zona norte de São Paulo).

Para quem teve uma vida privada da companhia da mãe desde os 8 anos de idade, Rodrigo e a irmãzinha de apenas 2 anos, suportaram o sacrifí-

cio da desestrutura familiar. Para ele os momentos de dificuldade não foram poucos, mas hoje acredita ter vencido boa parte deles para a alegria de seu pai que cursou somente o segundo grau.

Há um ano e oito meses como funcionário do Bradesco, na sede do banco na Cidade de Deus, no departamento de Empréstimo, Financiamento e Atendimento do Segmento Empresas, Rodrigo procurou a Zumbi dos Palmares devido à proximidade da instituição (situada junto à estação do Metrô Armênia) com seu antigo local de trabalho o DER (Departamento Estadual de Rodagem). “A faculdade era nova, ninguém conhecia, mas tinha um projeto social diferente. Era um risco, entretanto eu poderia pagar. Outra (faculdade) iria consumir 80% do meu salário”, lembra.

Hoje reconhece que tomou a decisão certa, do mesmo modo que depois de 4 anos no cargo comissionado no DER, partiu para o estágio no Bradesco, em 2005, graças ao convênio firmado entre o banco e a Zumbi. Afinal, eram duas empresas com realidades distintas, de um lado uma pública com seus processos definidos e engessados e do outro, uma privada quando é necessário colocar na prática o que se aprende no dia-a-dia na sala de aula. “A Zumbi me abriu as portas do ensino e do mercado de trabalho.”

Não esquecer as origens

Viviane da Silva atual gerente de conta corrente e serviços do departamento de Clientes e Produtos Persona-

lité e Alta Renda do Itaú, outro banco parceiro da faculdade, procurou a Zumbi, em princípio, devido ao preço da mensalidade. “Além disso, a faculdade tinha um projeto focado no lado social, embora relativamente novo. E, eu já havia trancado a matrícula em uma outra instituição por falta de grana” recorda-se a jovem de 24 anos.

Atuando na área como auxiliar administrativa há 7 anos na AS Equipamentos, Viviane resolveu testar seus conhecimentos e se inscreveu no processo seletivo do Itaú. A estagiária de 2006, efetivada em 2008, viu sua vida tomar novo rumo. Morando com os pais e mais três irmãos é a primeira da família a concluir o ensino superior e festeja com a compra do carro próprio, um sonho do passado.

“Minha mãe não estudou e meu pai cursou somente o ensino primário. Eles estão orgulhosos diante dessa nova etapa da minha vida. E a Zumbi é responsável por isso”, reconhece.

Para o próximo ano, Viviane pretende dar continuidade nos estudos, cursando uma pós-graduação. “Graças ao reitor José Vicente, temos uma instituição que nos abre as portas. Da nossa parte, basta ter persistência e mostrar que temos capacidade e inteligência, independente da cor da pele e, acima de tudo, jamais esquecer as nossas origens. É preciso apenas uma oportunidade”, frisou.

O filho pródigo

Os 6 anos dedicados à Marinha do Brasil não resultaram em condições de estudo, mas serviram como um excelente exercício de disciplina



Foto: João Mantovani

Rodrigo e Viviane



Foto: João Mantovani

Formandos 2008 da Zumbi dos Palmares

de vida para Jorge Rodrigues Fagundes Junior, 29 anos. Ainda, em 1999, começou a estudar Direito, na Radial, curso abandonado depois de um ano por motivos financeiros.

Ele estava para iniciar o curso de Cabo quando resolveu pesquisar as instituições de ensino que ministravam cursos de Administração e ficou conhecendo a Zumbi. Devido ser uma faculdade nova, Jorge resolver pedir informações para os próprios alunos antes de tomar uma decisão.

E valeu a pena cursar a Zumbi, “principalmente graças a oportunidade de crescimento em todos os sentidos”, acentua. Jorge também fez parte do projeto de estágio da faculdade, em 2006. Há quase dois anos foi efetivado no Banco Real, da avenida Paulista, no departamento *Compliance*, área responsável por tudo que diz respeito às regras que se aplicam ao banco.

Morando com os pais em Interlagos, ele acredita que força de von-

tade é imprescindível para qualquer pessoa realizar os seus objetivos de ascensão profissional.

Atualmente, cursa o primeiro semestre de pós-graduação na FGV que compreende um módulo internacional a ser realizado em San Diego, EUA. Em futuro próximo Jorge pretende se tornar professor na Zumbi dos Palmares, uma retribuição do muito que recebeu da instituição: “não deixa de ser uma forma de inspiração para os novos alunos”, conclui. ■

o A cor da desigualdade

Por: Nelson Bacic *

Uma comparação entre os Estados Unidos e o Brasil

A eleição e posse de Barack Hussein Obama como o primeiro presidente negro nos Estados Unidos já se configurou como um dos fatos marcantes da primeira década do século XXI. Esse fato desencadeou discussões em todo o mundo, em especial em países como o Brasil com expressiva população de origem africana.

Assim, vale a pena fazer algumas comparações demográficas entre os dois países. Os EUA possuem atualmente um pouco mais de 300 milhões de habitantes, sendo que cerca de 13% são afrodescendentes, segundo o censo realizado em 2000. Eles são a segunda minoria mais importante do país, superada apenas pelo grupo denominado hispânico.

Apesar de ser o país mais rico do planeta, os EUA possuem quase 40

milhões de pessoas, cerca de 12,5% da população vivendo abaixo da linha nacional de pobreza. Essa pobreza tem cor: ela atinge principalmente os afrodescendentes.

Segundo Serge Paugam, a pobreza norte-americana é definida como “desqualificante”. Os pobres não são miseráveis, mas expulsos da esfera produtiva tornam-se dependentes das instituições de ação social. Esse grupo enfrenta cada vez mais dificuldades decorrentes da renda insuficiente e da precariedade de condições de vida, o que fragiliza as relações familiares.

Já o Brasil possui uma população de aproximadamente 195 milhões de pessoas e quando se afirma que em 2008 a população negra teria ultrapassado numericamente a po-

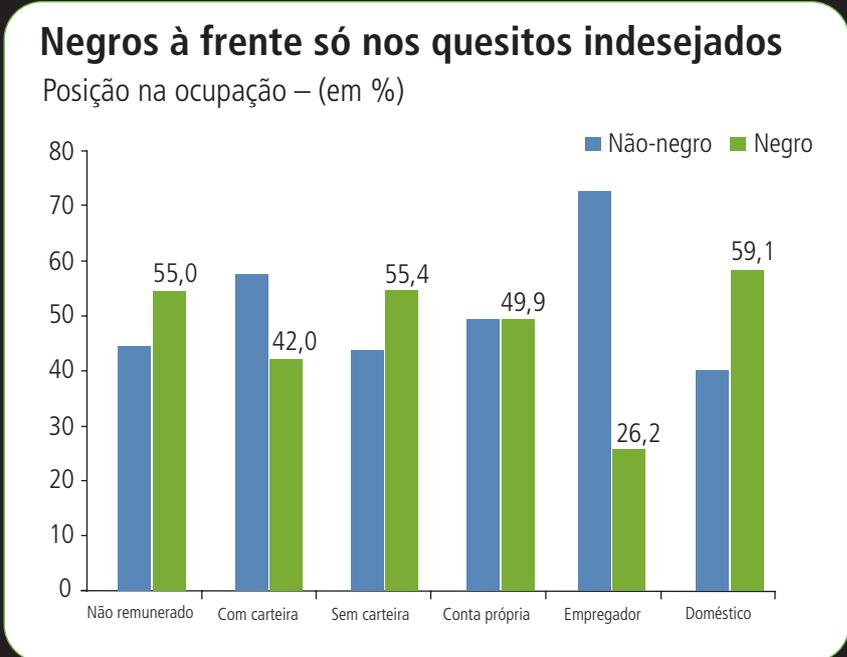
pulação branca, está se levando em conta os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que inclui neste grupo a soma de todas as pessoas que se declararam pretas ou pardas nas pesquisas realizadas pelo órgão. Essa estimativa teve como base o fato de que, em 1976, os brancos representavam 57,2% da população e os negros mais pardos, 40,1%. Em 2006, a participação dos primeiros caiu para 49,7% e a do segundo grupo passou a ser de 49,5%.

As históricas desigualdades entre esses dois grandes segmentos de nossa sociedade continuam presentes nos dias atuais, o que pode ser comprovado através da análise de inúmeros índices socioeconômicos como, por exemplo, nos níveis de

desemprego, sempre bem maiores entre os negros. Mesmo quando empregados, os negros recebem cerca de 50% dos salários pagos aos brancos. (veja gráfico 1)

A situação é ainda mais dramática entre mulheres negras, aquelas que mais sofrem com a discriminação. Embora a situação venha melhorando muito lentamente, elas apresentam a menor taxa de participação no mercado de trabalho, menores taxas de ocupação, maiores índices de desemprego e rendimentos inferiores. (veja gráfico 2)

Tanto no Brasil quanto nos EUA a população negra é o segmento da sociedade que apresenta os indicadores de pobreza bem mais elevados do que aqueles registrados entre outros grupos. Em épocas de crises econômicas como a atual, tanto lá como cá, as famílias mais penalizadas são justamente as pobres.



Fonte: Microdados Pnad/IBGE, 2006

A persistência dessa injustiça nos dois países vem, de um lado, mostrando os limites daquilo que se costuma chamar de sonho norte-americano e de outro coloca por

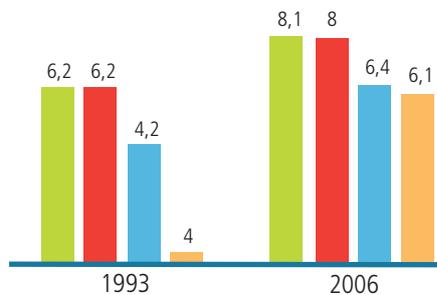
terra o mito brasileiro de democracia racial. ■

** geógrafo formado pela USP, professor convidado junto à Universidade Aberta à Maturidade (PUC-SP), editor do jornal Mundo - Geografia e Política Internacional*

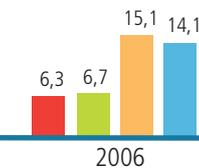
A diversidade cruzada com a educação

■ Mulheres brancas ■ Homens brancos ■ Mulheres negras ■ Homens negros

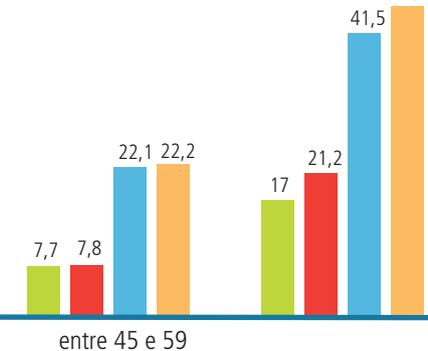
Média de anos de estudo das pessoas com 15 anos ou mais de idade



Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade (em %)



Taxa de analfabetismo das pessoas de 10 anos ou mais de idade (em %) (com recorte de algumas faixas etárias)



Fonte: Incri/Sistema SÍpra/Coordenação-Geral de Monitoração e Controle (SDM)

Não-lugar do negro no mercado de trabalho

Por: Edson Santos*

Durante o período da escravidão, embora em situação extremamente adversa, o negro detinha um lugar central no sistema econômico. Como escravo, sustentava a economia primária exportadora de café, ouro, algodão e cana-de-açúcar. E nas cidades respondia pela maior parte dos serviços. Havia ainda os “negros de ganho”, que repassavam parte ou a totalidade da renda que obtinham com pequenos serviços aos seus proprietários. Com a Abolição, os negros foram deslocados para um “não-lugar” no mercado de trabalho, perpetuados numa situação de exclusão e miséria.

Logo após a Abolição ganhou força a tese do “branqueamento” da população com o objetivo de corrigir o suposto atraso do País. Uma idéia que, na prática, justificou a importação de mão-de-obra, principalmente europeia, mesmo com a existência de um imenso contingente populacional que já estava no Brasil, formado pelos negros recém-libertos. As desigualdades raciais consolidaram-se, forjando uma sociedade segmentada e estratificada em função da cor do indivíduo.

A primeira ação afirmativa voltada à ascensão dos negros no mundo

do trabalho no Brasil foi posta em prática em 1943, com a criação da Consolidação das Leis do Trabalho. O artigo 354º da CLT, que viria a se tornar conhecido como Lei dos Dois Terços ou da nacionalização do trabalho, abriu um grande número de vagas para os trabalhadores negros.

Até os dias de hoje, entre os principais problemas enfrentados pela população negra estão a discriminação no trabalho e a dificuldade para obter emprego. Em 2006, o índice de desemprego de homens brancos no país foi de 5,6%, enquanto que entre os homens negros este índice atinge 7,1%. Além disso, a renda mensal per capita do trabalhador negro equivale à metade da renda per capita média do trabalhador branco. O resultado não poderia ser diferente: 65% dos pobres e 70% dos indigentes brasileiros são negros.

Na base deste problema está a não realização de uma reforma agrária que contemplasse a população negra no período pós-Abolição, e a falta

de acesso à Educação e à capacitação para o trabalho. Ainda é muito raro, por exemplo, encontrarmos médicos negros ou negros em posição de chefia nas empresas. A política de cotas raciais e o ProUni, no entanto, possibilitaram o ingresso de milhares de jovens negros e carentes nas universidades públicas. E em breve, esta nova geração de profissionais terá a oportunidade de alcançar posições de destaque no mercado de trabalho.

Um esforço contínuo a estas medidas é o trabalho de convencimento junto à iniciativa privada sobre a importância da promoção da igualdade racial no ambiente empresarial. No Brasil temos algumas experiências exitosas de inclusão no setor privado. São iniciativas ainda isoladas e pouco numerosas, mas que nos fazem refletir sobre novas políticas para a inclusão e o incremento da mobilidade de negros, indígenas, mulheres e portadores de necessidades especiais no quadro funcional das empresas. O mercado precisa se preparar



Foto: <http://www.camara.gov.br>

para receber os milhares profissionais negros que começam a se formar graças ao ProUni e às cotas. Juntos governo, sociedade e empresariado,

temos o dever de formular soluções anti-discriminatórias que aumentem a representatividade destes segmentos no corpo das empresas, propor-

cionando a valorização e o respeito à diversidade. ■

**ministro-chefe da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial*

Transpondo barreiras culturais

Por: Massami Uyeda*

A história mostra que os povos, os países e os continentes vivem em constante transformação. Antes do século XIX, os relatos nos dão conta de que as mudanças eram lentas e a própria evolução e disseminação do conhecimento era restrita a uns poucos.

Conquanto o intercâmbio entre os povos padecesse de lentidão, pela dificuldade dos meios de comunicação, os ideais libertários proclamados pelos iluministas atravessaram os mares e venceram distâncias continentais.

O Brasil também passou a abraçar sonhos e esperanças de liberdade e de democracia, como ocorreu com a Inconfidência Mineira, e, nessa esteira, a campanha abolicionista passou a tomar vulto.

Foi no século XIX que o Brasil tornou-se um País independente, aboliu a escravidão e se tornou uma república.

O século XX, por sua vez, foi a época das grandes conquistas científicas e tecnológicas. O conhecimento cresceu tanto como nunca antes, a ponto de não nos impressionar mais com tanta tecnologia ao nosso dispor. E, embora com duas

guerras mundiais, foi no século vinte que movimentos sociais ganharam mais força para nos fazer ver que todos têm direitos iguais. As minorias se organizaram e passaram a exigir o respeito e o direito que lhes é devido. Como exemplo, podemos citar as conquistas femininas.

Agora no século XXI que já somos “on-line” e tudo é divulgado e conhecido em tempo real, é difícil conceber como as pessoas viviam antigamente sem o conforto e a comodidade do fogo a gás, da eletricidade, da facilidade do celular e da praticidade do computador. Todos nos orgulhamos do progresso e queremos estar por dentro de todas as inovações.

Entretanto, não obstante os avanços científicos e tecnológicos, a realidade, no campo antropológico-cultural, é que ainda convivemos com graves problemas sociais e de intolerância. Temos muito a fazer para diminuir a desigualdade social aqui no Brasil e no mundo.

Felizmente, existem pessoas e organizações que se preocupam em minimizar essas desigualdades.

Nesses 120 anos de Lei Áurea, vários movimentos contribuíram

para as transformações sociais, e entre esses, merece destaque o excelente e frutífero trabalho realizado pela Afrobrás, liderada pelo Dr. José Vicente, que nos últimos dez anos tem conquistado importantes vitórias em prol da inserção dos negros na sociedade brasileira.

A materialização do sonho de colocar em funcionamento uma universidade voltada para apoiar a participação de jovens negros no mercado de trabalho ou como empreendedores é de ser comemorada como um dos mais relevantes acontecimentos.

A boa formação educacional é a mais importante ferramenta de liberdade e de ascensão social.

A Afrobrás e a Faculdade Zumbi dos Palmares estão fazendo a sua parte e é certo afirmar, também, que todos podem fazer algo em prol dessa causa nobre.

Um pouco de cada um, no seu círculo de influência, é valiosa contribuição para a mudança cultural que nos faz compreender e ver que somos todos iguais. ■

**ministro do Superior Tribunal de Justiça e mestre e doutor em Direito (USP)*



TROFÉU
RAÇA
NEGRA
2008

10 de novembro
São São Paulo - SP

Abolição da escravatura

Por: Leci Brandão, cantora e compositora

Quando terminei o clássico no Colégio Pedro II e recebi meu diploma achei que seria fácil conseguir um emprego. Passei nos testes das empresas mas fui reprovada no tal “exame psicotécnico”. Naquele momento comecei a perceber a discriminação racial.

Os anos se passaram e quando DEUS determinou que eu seria uma artista, decidi que faria da minha arte um instrumento de defesa das minorias deste país. Nestes 35 anos de carreira sublinhados por muita luta, coragem e ousadia não posso deixar de reconhecer que tivemos alguns avanços. A socieda-

de civil se organizou e hoje o assunto discriminação racial é discutido em todos os estados brasileiros. O Movimento Negro se faz presente e exigiu a criação da SEPPIR com a eleição do Presidente Lula.

Entretanto, não vejo a presença da SEPPIR de forma abrangente nas decisões do Poder Público. Carecemos de líderes no Congresso. Não temos em qualquer estado um governo de nossa etnia. Contamos a dedo a nossa representação na Câmara Federal.

Além disso, continuamos frequentando os cadernos policiais num grande percentual. Daí, a necessidade de continuar falando do assunto.

Nossas novelas não dão chances de protagonistas para atores negros. Até do Carnaval, nossas negras lindas foram banidas. As donas das Baterias são outras...

Mas não podemos, jamais, desanimar.

Nada é impossível para DEUS e todos nós somos filhos DELE.

Afinal, nos Estados Unidos Obama tornou-se Presidente. Que este exemplo sirva para nossas crianças e nossa juventude. No Brasil dizem que tudo acaba em samba e futebol. Mas um dia também acabara em ATITUDE.



Amor, são 121 anos

*Amor, são 121 anos
Aqui continua a luta
E vejo por parte dos manos
Valor por melhor conduta
Eu sei, dizem que é bobagem
Não há discriminação...
Pois é...cadê a imagem?
Pergunte a televisão.
Se tem harmonia chame o companheiro
Junte a poesia...faça um som inteiro*

*Tente analisar...sem ter que agredir
E participar sem jamais fingir
E quem quiser entender
Melhor com livro na mão
Pois sei que com o saber
A gente terá razão
O amor que faço quero ver na tela
Pra que sobre espaço nessa sua cela
Vamos minha vida, vamos dar as mãos
Somos Brasileiros, somos cidadãos*



2ª TURMA DE FORMANDOS DA FA

Mais um grande passo na inclusão

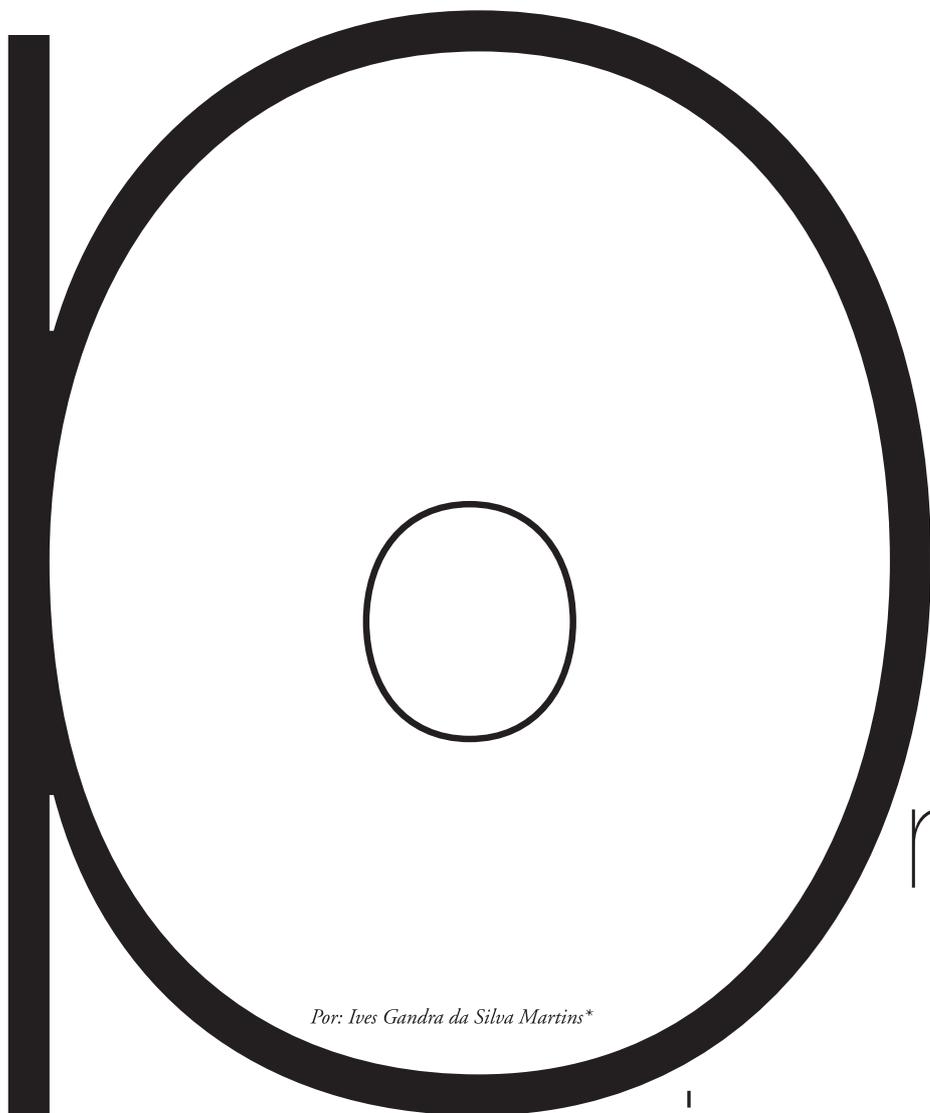
Há um ano, em 2008, a Faculdade Zumbi dos Palmares escrevia um capítulo inédito na história do negro no Brasil, com a sua 1ª turma de formandos. Hoje, um ano depois, com a formação de sua 2ª turma, o que era inédito passa a ser a certeza de que o trabalho da Afrobras em busca da inclusão do negro na sociedade brasileira é cada vez mais afirmativo. Nascida há 11 anos com a missão de trabalhar por essa inclusão, e pela valorização do negro, a Afrobras criou a Faculdade Zumbi dos Palmares exatamente para oferecer a oportunidade de formação universitária de qualidade a baixo custo, um sonho alimentado por um grupo de abnegados formado por empresários, cidadãos, professores, funcionários



CULDADE ZUMBI DOS PALMARES. do negro na sociedade brasileira.

e alunos. Com 240 alunos, 60% deles com emprego garantido nas instituições financeiras parceiras da Faculdade Zumbi dos Palmares, a 2ª turma de formandos é a certeza de que, o que era um sonho, hoje é realidade. E que o caminho em busca da inclusão do negro na sociedade brasileira está cada vez mais livre. **Parabéns e obrigado a todos os que ajudaram a transformar esse sonho em realidade.**





*Por: Ives Gandra da Silva Martins**

Princípio da Igualdade

Desde os bancos acadêmicos luto pelo princípio da igualdade, que implica a eliminação de toda a espécie de discriminações, de ordem social, religiosa ou de qualquer outra natureza.

O dia 13 de Maio deveria ser considerado o dia do princípio da igualdade, pois todos nós nascemos

iguais, independentemente da etnia a que pertencemos.

É o que se encontra consagrado na Declaração Universal dos Direitos Humanos, cujo artigo VII tem a seguinte dicção: “Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direito a igual prote-

ção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação”.

Essa norma veicula, nitidamente, o princípio de direito natural, como acentuou René Cassin, um dos inspiradores do referido texto. Consagra, pois, o princípio daqueles que



Foto: Divulgação

“ O dia 13 de Maio deveria ser considerado o dia do princípio da igualdade, pois todos nós nascemos iguais, independentemente da etnia a que pertencemos ”

não cabe ao Estado criar, mas apenas reconhecer. De rigor, há princípios que são inerentes ao ser humano. Não decorrem apenas de sua evolução histórico-axiológica, mas sim da própria natureza humana. E, por esta razão, não pode o Estado violá-los.

À evidência, a “declaração universal dos direitos humanos” não instituiu nenhum direito. Apenas reconheceu todos aqueles que, há milênios, grandes filósofos e juriconsultos (Sócrates, Platão, Aristóteles, Ulpiano e Gaio) já perfilavam como sendo a essência do direito natural, e que os grandes pensadores consideravam a espinha dorsal de qualquer regime jurídico justo (“*ut eleganter Celsus definit: just est ars boni et aequi*”).

Ora, na essência dos direitos fundamentais, está o direito à igualdade, que os fundadores da pátria americana afirmaram, em sua declaração de independência (“*We hold these truth to be self evident that all men are created equal*”), em 1776. Os franceses, fizeram o mesmo, no art. 1º de sua declaração de direitos do homem de 1789 (“*Les hommes naissent et desseurent libres et egaux en droits*”).

No Brasil, a Constituição de

1824, no art. 179, inciso 19, aboliu qualquer forma de tratamento ou penas cruéis; a Constituição de 1891, no art. 72, § 2º, declarava que “*todos são iguais perante a lei*”; a de 1934, no artigo 113, inciso I, reproduziu idêntico princípio, o mesmo ocorrendo com os artigos 122, §1º, da Carta Magna de 1937, 141, da Lei Suprema de 1946, 150, § 1º, da Lei Maior de 1967 e 153, § 1º, da E.C. n. 1/1969.

Por fim, a Constituição de 1988, em diversos dispositivos, assegura a igualdade, lembrando que o art. 5º reproduz o princípio três vezes, ou seja, duas no “*caput*” e uma no inciso I, ambos assim redigidos: “*Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;* ” (grifos meus), assim como no inciso IV do artigo 3º: “*Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: ...IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça,*

sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”.

Como se percebe, o princípio de direito material é hoje reconhecido universalmente, sempre temperado pelo princípio da desigualdade entre os desiguais, para que se obtenha a verdadeira igualdade. Cálicles, no diálogo Górgias de Platão, não o reconhecia. Para ele, a lei, ao dar força ao mais fraco, contrariaria o direito natural pois o forte tinha direito a sua fortaleza e o fraco a sua fraqueza. Sócrates, entretanto, rebateu essa argumentação, no referido diálogo, dizendo que a lei, ao dar força ao mais fraco, fortalece-o perante o mais forte, sem enfraquecer o mais forte, suprimindo as desigualdades e gerando uma igualdade mais ampla.

O certo é que o princípio, reconhecido universalmente em 1948, é inerente ao ser humano e está na própria essência da aventura do homem sobre a terra, não admitindo qualquer espécie de discriminação seja de que natureza for, em face de raça, sexo, religião, posição política ou outra forma de segregação. ■

**professor emérito da Universidade Mackenzie e das Escolas de Comando e Estado Maior do Exército e Superior de Guerra*



Colégio Zumbi dos Palmares faz história da enfermagem

José Temporão (ministro da Saúde), Adib Jatene (diretor geral do HCor), José Vicente (reitor da Zumbi dos Palmares) e Luiz Roberto Barradas Barata (secretário da Saúde do Estado de São Paulo) durante inauguração do centro de simulação do HCor

No início da enfermagem brasileira a política de organização das escolas era assim: evitava-se a admissão de negros sob o pretexto de se “elevar” a imagem da profissão diante da opinião pública. Apesar de não haver mais tal política, basta um olhar mais atento para se perceber que os negros ainda estão longe dessas escolas.

Com a inauguração, no dia 13 de abril, do Colégio da Cidadania Zumbi dos Palmares e a abertura de seu primeiro curso para formar técnicos em enfermagem, mais um capítulo dessa história foi escrito, mas com uma nova perspectiva: a da inclusão.

O curso, que será gratuito e voltado para alunos afrodescendentes, é resultado de um acordo entre o Hospital do Coração, considerado um dos mais avançados centros de referência da cardiologia mundial, e o Instituto Afrobrasileiro de Ensino Superior, mantenedor da Faculdade Zumbi dos Palmares, que trabalha pela inclusão do afrodescendente no ensino superior e no mercado de trabalho.

Sob a chancela do médico Adib Jatene, diretor geral do Hospital do Coração, os alunos contarão com toda a estrutura para as aulas práticas oferecida pelo HCor, incluindo labo-

ratórios de técnicas e a realização dos estágios obrigatórios supervisionados.

“Integrar esforços por meio de uma estratégia importante para formar gente qualificada dentro de uma perspectiva racial”. Foi desta forma que o Ministro da Saúde José Gomes Temporão, presente à cerimônia de inauguração, definiu o acordo entre as duas instituições.

“Esse curso evoluirá, com certeza, para o curso de enfermagem, tendo como campo de treinamento o HCor”, afirmou categoricamente Adib Jatene durante seu pronunciamento. ■

M

aranhão

ensino

de

qualidade

Por: Zulmira Felício, editora

O governo do Maranhão entendeu que educação é a base para o desenvolvimento e, inclusive, a garantia de bom futuro para as novas gerações. Nos últimos três anos vem investindo na educação básica, pública, equitativa e com qualidade social. São ações estratégicas como: construção de escolas, formação de professores, informatização da rede escolar, oferta de cursos profissionalizantes e, sobretudo, firmando parcerias com os municípios.

Resultado: o estado que mais cresceu de acordo com o Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), em 2007. A nota média dos estudantes maranhenses de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental ficou

em 3,7, para uma meta de 2,9 – um crescimento de 0,8 pontos sendo o maior destaque do cenário nacional. O Ideb é o indicador de qualidade de referência para a educação básica brasileira, sendo constituído essencialmente pelos índices de aprovação e proficiência dos alunos no Saeb/ Prova Brasil, ou seja, quanto maior for o desempenho dos alunos e das escolas no rendimento escolar, melhor será o Ideb.

O Maranhão estabeleceu 12 metas para transformar a educação, segundo informou Leonardo Vieira da Silva, secretário de Educação do estado. Dentre as quais se destacam: a abertura da discussão participativa e democrática acerca da “educação que o Maranhão quer e precisa”; o fortalecimento da relação escola-família-comunidade; a valorização dos profissionais da área; os investimentos na estrutura



Educação básica avança a passos largos no Maranhão



Fotos: Secretaria de Educação do Estado do Maranhão

Alunos obtêm o maior Ideb do País

didático-pedagógico das escolas; o combate ao analfabetismo; o apoio à criação de Conselhos Municipais de Educação e reestruturação do Conselho Estadual; o fortalecimento das ferramentas de suporte ao sistema educacional; a modernização da área central e Unidades Gestoras de Educação; o fortalecimento da educação indígena, quilombola, especial, do campo e de jovens e adultos; a ampliação e a melhoria da rede física e apoio às instituições complementares à rede oficial e a formação continuada para professores das redes estadual e municipal.

Números no Estado

No total são 543.321 alunos distribuídos em 1.425 escolas, segundo censo escolar de 2008. A rede pública estadual conta com mais de 36 mil professores que lecionam, sendo mais 28 mil efetivos e 8 mil contratados. Entre os Estados que pratica a carga horária de 20h, o Maranhão paga o melhor salário para professor com nível superior e a 3ª maior remuneração para os de Nível Médio. O governo também aumentou em mais de 100% a gratificação de todos os gestores escolares, que há vinte anos recebiam o mesmo valor.

No que se refere à estrutura didático-pedagógica das escolas foram instalados 291 laboratórios de matemática, 120 de ciências e 794 de informática que, acrescentados aos que já existiam na rede, totalizaram 810 laboratórios de informática, representando cerca

de 80% da rede pública estadual informatizada. Um convênio firmado com a OI permitirá instalar internet banda larga em todas as escolas públicas.

Em dois anos foram construídas 160 escolas, reformadas 310, 41 ganharam quadras poliesportivas, além de novas bibliotecas (além de outras 210 revitalizadas). A alimentação escolar também ganhou reforços. Foram distribuídos 328.882 livros didáticos. A Secretaria de Educação também distribuiu livros técnicos a 50 mil professores do Ensino Fundamental e 17 mil do Ensino Médio da rede estadual e municipal.

Houve expansão no ensino indígena para 265 aldeias com 267 escolas, 752 professores, atingindo mais de 12 mil alunos. Um total de 246 professores recebeu formação em magistério indígena. Além do transporte e alimentação escolar, mais de 22.846 kits pedagógicos foram entregues aos alunos indígenas da 1ª a 8ª séries do Ensino Fundamental. No quilombo Jamary dos Pretos está funcionando o primeiro Centro Quilombola de Educação por Alternância, com oferta de Ensino Fundamental e Ensino Médio integrado à educação profissional, atendendo 157 jovens com o curso Agroecologia.

Hoje 217 municípios maranhenses aderiram ao compromisso Todos pela Educação, do Governo Federal. A Amde (Assessoria aos Municípios para o Desenvolvimento da Educação) estima que mais de R\$ 300 milhões a serem destinados em edu-

cação, através do PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação).

Próximos Passos

“Encaminhamos junto ao MEC um pacote para a realização de 362 obras no setor educacional, compreendendo a construção de 81 escolas destinadas ao Ensino Básico”, ressalta o secretário de Educação do estado. Também está prevista a construção de 19 centros do educador nas unidades regionais de educação e de 40 escolas para a educação indígena e quilombola, bem como a edificação de 40 novas bibliotecas com um padrão arquitetônico moderno.

O estado já aprovou a construção de 19 escolas de Ensino Médio integrado a educação profissional que, juntamente com escolas já existentes, irão oferecer cerca de 150 cursos nas mais diversas áreas. O pacote prevê a realização de obras de reformas e ampliação de 170 escolas da rede estadual na capital e no interior. Acrescenta-se ao projeto a formação inicial e continuada de 35 mil professores até o final do ano, em parceria com as universidades. Serão oferecidos 17 cursos, atendendo às disciplinas que compõem o currículo da educação básica e de informática.

“A despeito do curto tempo, os avanços registrados na área de educação resultam do trabalho coletivo, Governo e sociedade em uma relação de cooperação que vem marcando a reconstrução educacional no Maranhão,” sintetiza o secretário Leonardo Vieira da Silva. ■

Pais que tudo permitem e o futuro dos filhos

Por: João Luís de Almeida Machado *

O personagem de Antônio Calloni na novela “Caminho das Índias”, apresentada em horário nobre da Rede Globo, é um exemplo vivo criado pela dramaturgia daquilo que vem acontecendo no país há pelo menos 20 anos, com sensível piora ao longo da última década. Não há mais limites para os filhos de inúmeras famílias de classe média (principalmente) no Brasil. E os responsáveis por este fato lamentável são os pais. Sei que isso irá gerar muitas reclamações condenando a veemência com que trago à tona esta afirmação. Porém, são mais que urgentes não somente uma reflexão séria sobre o fenômeno como também

“ Não há mais limites para os filhos de inúmeras famílias de classe média (principalmente) no Brasil. E os responsáveis por este fato lamentável são os pais ”

ações que permitam levar a respostas práticas para enfrentar o problema.

Antônio Calloni, mais uma vez desempenhando com maestria o seu papel, interpreta um advogado casado pela segunda vez, pai de três jovens que, a despeito das inúmeras ocorrências praticadas pelo filho e denunciadas por diferentes pessoas e instituições, teima em lhe passar a mão na cabeça e defendê-lo, ainda que o ocorrido realmente se revele uma falta de média ou séria implicação.

Utiliza da prerrogativa de bacharel em Direito, num país em que os advogados ainda se julgam doutores mesmo que não tenham com-



Ilustração: Didiu Rio Branco

plementado os estudos em tal nível, para adentrar delegacias e escolas e intimidar, sob a ameaça de processar qualquer pessoa que em algum momento ponha em risco as liberdades por ele concedidas ao filho.

Para o personagem, a lei existe para garantir-lhe direitos individuais,

mesmo que em detrimento de outras pessoas, agredidas ou vilipendiadas por seu filho e também por seu comportamento arrogante, impulsivo e agressivo. É claro que, por se tratar de uma peça de ficção televisiva, o que se espera é que com o decorrer da trama de Glória Perez a justiça

seja feita e que tanto o jovem infrator quanto seu pai venham a pagar por seus erros tão evidentes.

E na vida real? Basta olhar para casos e mais casos que se avolumam nos arquivos das escolas, demonstrando o descaso, o desrespeito, o desacato e a violência perpetrada

por um crescente número de estudantes contra colegas, professores, funcionários e até mesmo contra o patrimônio público ou privado. O que fazer? Que caminhos tomar se os principais parceiros no combate a fenômenos como o *bullying* ou a depredação de bens, no caso os próprios pais, se tornam coniventes e, em defesa dos filhos, resolvem virar as costas para a justiça? A escola por si só é capaz de solucionar tais problemas? Que encargos devem ser assumidos pelos educadores e até que ponto podem agir se os pais se mostram ausentes ou coniventes com tudo isso?

O recente caso envolvendo o megacampeão olímpico da natação Michael Phelps, flagrado em uma festa universitária consumindo maconha, com a divulgação de foto em jornais e na internet, levou a uma retração pública do atleta e ilustra a questão dos limites que temos que estabelecer para que possamos ter o devido reconhecimento e respeito. Ninguém está acima da lei ou do direito individual alheio.

Para atenuar a responsabilidade dos pais, há artigos que retratam comportamentos semelhantes ao do pai personificado por Antônio Calloni em “Caminho das Índias”, como resultado de uma liberalização excessiva vivida por estes progenitores que teriam, em suas infâncias ou adolescências, vivido sob a égide de famílias patriarcais tradicionais, daquelas em que tudo o que o pai diz é lei. Outros argumentam que tais ações são respostas à opressão vivida no Brasil durante a ditadura militar.

As pessoas tenderiam então a radicalizar suas próprias vidas rumo a uma liberdade irresponsável e sem fronteiras.

Pessoalmente acredito que essas afirmações podem até ter, no fundo - bem lá no fundo-, algum fundamento, mas não creio que possamos

“ A própria participação dos pais na escola e no acompanhamento dos filhos – não só no que se refere ao rendimento escolar –, acompanhando o seu processo de inserção social e participação em ações culturais, é de grande importância ”

continuar nos apoiando nessas desculpas esfarrapadas por mais tempo enquanto vemos membros da atual geração de adolescentes e jovens destruir suas vidas futuras por conta de ações desmedidas e sem limites.

Alguns estudiosos afirmam que o fato de os pais (tanto o pai quanto a mãe) estarem envolvidos com suas carreiras e, portanto, ausentes na formação dos filhos, os levam a compensar seus rebentos com benefícios materiais e liberdade extrema. Tendo a pensar que tal afirmação tem mais lógica. Entretanto, ainda

assim creio que não podemos mais procurar subterfúgios, mas desenvolver ações conjuntas.

Neste sentido as escolas podem ajudar e muito. Devem desde o princípio, por exemplo, definir suas regras de funcionamento interno em comum acordo com a comunidade e deixar todos cientes delas. Outra medida é esclarecer que o papel que compete à escola inclui noções de cidadania, ética e civilidade - mas que esses saberes são complementares ao processo de escolarização e dependem, essencialmente, de um trabalho em conjunto com as famílias.

A própria participação dos pais na escola e no acompanhamento dos filhos - não só no que se refere ao rendimento escolar -, acompanhando o seu processo de inserção social e participação em ações culturais, é de grande importância. Outra questão primordial para as escolas é a revisão de seus métodos, para que as aulas se tornem mais motivadoras para os estudantes. Dessa forma, podem também ser atenuadas situações de conflito ou depredação no ambiente escolar.

Tais ações são prementes. Penso que o debate deve ser ampliado para que todos possam participar com opiniões e ações que efetivamente permitam aos jovens uma inserção respeitosa, útil e solidária na sociedade. ■

** editor do Portal Planeta Educação (www.planetaeducacao.com.br), doutor em Educação pela PUC-SP; mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP)*

Agora é projeto de

“Havia outros projetos que também reservavam 50% das vagas apenas pelo critério racial, mas este é efetivamente social”

Paulo Renato Souza, deputado
(PSDB-SP), ex-ministro da Educação

A Câmara dos Deputados aprovou no dia 20 de março um projeto de lei que reserva pelo menos 50% das vagas nas instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação para estudantes que tenham cursado o Ensino Médio em escolas públicas.

O projeto, que será analisado pelo Senado, prevê, ainda, que a regra também vale para cursos técnicos profissionalizantes de Nível Médio.

Sendo assim, o estudante deve ter cursado o Ensino Fundamental em escola pública. O texto também diz que as vagas devem ser preenchidas por candidatos auto-declarados negros ou indígenas, “em número no mínimo

igual à proporção de pretos, pardos e indígenas” na população do Estado onde fica a instituição de ensino, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Dentro do processo, haverá uma cota proporcional para ações afirmativas raciais, e outra de 25% para alunos que, além de terem estudado em escola pública, ainda seja efetivamente pobre e proveniente de famílias com renda de até um salário mínimo e meio por pessoa (cerca de R\$ 622,50), independente de raça ou etnia.

O projeto determina a reserva de vagas no “concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação”, ou seja, no vestibular. O relator da

proposta, deputado Carlos Abicalil (PT-MT) explica que a inclusão do fator salarial no texto aprovado foi uma decisão democrática. “Estudantes mais pobres nem sequer chegam ao Ensino Médio, por isso a dificuldade de fazer um curso superior. Por outro lado, os que avançam nos estudos alteram a renda da família imediatamente, segundo estudos”, avalia Abicalil.

Embora o perfil das universidades públicas venha mudando paulatinamente, cursos concorridos, como Medicina e Direito têm em sua maioria alunos de classe média alta, que tiveram boa formação. Esse cenário deverá mudar uma vez que as cotas serão por

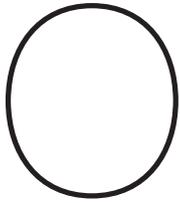


curso. Medicina, por exemplo, deve receber 50% dos alunos beneficiados.

Cabe ao Poder Executivo a fiscalização do sistema nas instituições de ensino que terão prazo (máximo) de 4 anos para colocar o projeto na

prática. Entretanto, caso as vagas do sistema de cotas não forem preenchidas de acordo com os critérios estabelecidos, elas serão disponibilizadas para outros estudantes egressos de escolas públicas.

Uma coisa é certa, os alunos realmente pobres beneficiados têm muita vontade de mudar sua condição social, portanto, na prática, a ação terá por objetivo diminuir a desigualdade no Brasil. ■



e a crise econômica mundial

Brasil

*Por: Helio Duarte**

O Brasil e o mundo enfrentam, desde o último trimestre passado, uma crise econômica de gravidade sem precedentes nos últimos 80 anos.

Também é de conhecimento geral que o início da crise ocorreu em setembro de 2008 com a quebra do Banco Lehman Brothers, nos Estados Unidos, e a subsequente queda das cotações nas principais Bolsas de Valores ao redor do mundo.

A queda das cotações das ações, principal investimento de renda variável, afetou negativamente a confiança não só de investidores como também dos consumidores que, ao reduzir conscientemente suas compras, provocaram quedas nas vendas do comércio varejista. Em consequência caíram também as vendas

no comércio de atacado que provocaram menores compras às indústrias que foram forçadas a reduzir a produção de bens. Tal círculo vicioso negativo provocou demissões em toda a cadeia produtiva fazendo com que estes novos desempregados reduzissem ainda mais suas compras.

Não há consenso entre os economistas sobre o provável fim deste ciclo negativo sendo difícil por isto mesmo estimar sua duração o que não me impede de tentar fazer alguns prognósticos.

Antes de fazê-los é importante dizer que ocupo, com muito orgulho,

as posições de diretor executivo de um banco internacional – o HSBC Bank Brasil – e da Febraban – Federação Brasileira de Bancos e é nesta condição privilegiada que tomo a liberdade de fazer os seguintes comentários :

- Apesar da evidente fragilização dos sistemas bancários de países desenvolvidos, o sistema bancário brasileiro mostra sinais de solidez e resistência, não apresentando os mesmos problemas que levaram à quebra ou ao processo de estatização ocorrido naqueles países.
- Esta solidez do sistema bancário brasileiro é condição fundamental para que a economia não sofra ainda mais as consequências de falta de crédito e de um mecanismo adequado de transferência de fundos.
- O Banco Central do Brasil



Foto: Divulgação

continuará a reduzir, de forma gradual e planejada, a taxa básica de juros, o que provocará em consequência, quedas nas taxas de juros cobradas de tomadores de empréstimos finais – empresas e indivíduos.

- Já se notam alguns sinais de re-

cuperação, como na importante indústria de veículos, vendas de supermercados e outros. Isto me permite sugerir que aquele ciclo negativo a que me referi no início possa arrefecer até o meio deste ano ou, no máximo, durante o segundo semes-

tre, para vermos até o final de 2009 mas com quase certeza, no início do ano de 2010, uma recuperação do processo de crescimento econômico.

**diretor executivo de relações institucionais, presidente do Instituto HSBC Solidarietà.*

**Dois bancos, mil
de ate
estamos cada**

Marcel Stefani, cliente do Santander.
Carla Tassini, cliente do Banco Real.



Centenas de pontos de atendimento e uma certeza: cada vez mais próximos de você.

Agora, os clientes do Santander e do Banco Real podem fazer saques, consultas e pagamentos nos dois bancos.

O Santander e o Banco Real estão **unindo as redes de atendimento** para seu benefício. Desde já, os clientes dos dois bancos podem usar os milhares de agências bancárias e caixas eletrônicos em todo o País.

Para você, é mais **comodidade e conveniência**.

Para todos os funcionários, mais uma prova de que o melhor dos bancos já é uma realidade. **E isso é só o começo.**

Unidos, somos ainda mais fortes. Junte-se a nós.

Conheça os benefícios que estão disponíveis para você:

✓ 18 mil caixas eletrônicas

✓ consulta de saldos e extratos

✓ saques

✓ pagamento de contas

✓ mais de 6 mil agências e postos de atendimento



Grupo Santander Brasil

Valorizando ideias por um mundo melhor.



BANCO REAL
GRUPO SANTANDER



Santander

ombate ao racismo

Com cerca de 4 milhões de afro-descendentes, São Paulo é a maior cidade negra fora da África, segundo dados da Fundação Seade (Sistema Estadual de Análise de Dados). No dia 20 de março essa população passou a contar com mais um aliado no combate à discriminação e ao racismo, com a inauguração do Centro de Referência em Direitos Humanos de Prevenção e Combate ao Racismo. A iniciativa é resultado da união entre a Secretaria de Participação e Parceria de São Paulo e a Comissão

de Direitos Humanos da Prefeitura de São Paulo.

O centro vai atuar na prevenção e combate ao racismo, oferecendo acolhimento, atendimento e encaminhamento jurídico e psicossocial para casos denunciados de discriminação. Funcionando nas dependências da Secretaria Municipal de Participação e Parceria, o centro também deverá agir em casos de racismo registrados

pela mídia. A gestão será feita pela Coordenadoria dos Assuntos da População Negra (Cone).

O secretário Ricardo Montoro (Participação e Parceria) disse que o centro será quase um laboratório, na medida em que formará um banco de dados sobre a questão. “Isso vai fazer com que a prefeitura tenha um retrato mais preciso da discriminação em várias áreas, podendo elaborar políticas públicas mais eficazes”. Maria Aparecida de Laia, da Cone, também deu destaque a esse aspecto e declarou: “O racismo é uma doen-



<http://haunhainibog.files.wordpress.com/>

ça e causa mal à sociedade. Devemos pensar em políticas eficazes para combatê-lo”.

O secretário Especial de Direitos Humanos e Presidente da Comissão de Direitos Humanos do município, José Gregori, disse que o centro vai unir pessoas que têm os mesmos valores, objetivos e ideais. “Esse comitê vai juntar todos os que querem lutar

para que o Brasil seja uma democracia perfeita. Somos da família dos direitos humanos”.

O centro contará com a orientação profissional de advogados, psicólogos e assistentes sociais. Segundo a Cone, até o final deste ano deverão ser implantados mais três unidades nos bairros de Cidade Tiradentes, M’Boi Mirim e Brasilândia.

Rio de Janeiro

No dia 17 de março o cientista social Carlos Alberto Medeiros assumiu a recém-criada Coordenadoria de Igualdade Racial, da cidade do Rio de Janeiro. O objetivo é a promoção da igualdade racial entre diversos grupos minoritários na sociedade, mas atenderá com atenção às demandas da população negra. ■

Quando Ebla era criança, sua mãe, Heloisa Marcondes, 48, tinha dificuldade em encontrar livrarias no Rio que oferecessem obras sobre a cultura negra para o público infantil. Os anos se passaram, a filha cresceu, mas o incômodo com essa lacuna no mercado continuou. As conversas sobre o assunto com a amiga Fernanda Felisberto, 38, se tornaram uma constante, principalmente depois que Fernanda voltou da Cidade

atrasaram o projeto e a loja só começou a funcionar, de fato, em 2007. Nascia assim a Kitabu - Livraria Negra (significa livro na língua suahili).

Em dois anos de funcionamento, a livraria já conseguiu reunir cerca de mil títulos, entre literatura africana e afro-brasileira, além de estudos científicos relacionados ao povo negro. Fernanda destaca que o fato de hoje existir uma livraria como a Kitabu é fundamental para os interessados no assunto, pois o acervo que existe

ças e buscam livros com histórias e lendas africanas e afro-brasileiras”, afirma.

Em função da Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatória a inclusão de História e Cultura Afro-brasileira nos currículos escolares, Fernanda avalia que também houve um aumento considerável na procura por obras que tenham como tema o racismo no cotidiano escolar. Também em razão dessa lei, ela diz que a livraria começou a prestar

Paixão pela literatura negra dá negócio

do México com um mestrado em Literatura Africana.

Em 2004, Heloisa juntou toda sua vivência como ativista do movimento negro e de mulheres à experiência de Fernanda no universo acadêmico. As duas pararam de conversar e arregaçaram as mangas. Mas a burocracia do mercado editorial e a inexperiência do primeiro negócio

no Brasil estava disperso e em outras livrarias ele é catalogado sob títulos genéricos, como antropologia ou literatura estrangeira.

Assim como o acervo, o público da Kitabu também é diversificado, mas são os livros para o público infantil os que têm mais procura. “Os pais estão preocupados com a questão da auto-estima das crian-

consultoria para montar bibliografia para bibliotecas de escolas públicas e particulares.

Com lançamentos mensais, a Kitabu já se tornou ponto de encontro de intelectuais, estudantes e pesquisadores. Nei Lopes, Conceição Evaristo, Amauri Pereira e Ana Luiza Flausino já tiveram suas obras lançadas pela livraria. “O lançamento não



Foto: Divulgação

As sócias da livraria

é apenas uma noite de autógrafos, mas é um encontro entre as pessoas. Um espaço para trocar idéias, fazer network”, diz Fernanda.

Semanalmente, a Kitabu recebe e-mails de autores interessados em publicar livros (principalmente poesia e biografias). Essa

demanda vem fazendo com que Fernanda e Heloisa já pensem em ampliar o negócio. “Futuramente nós pretendemos nos tornar uma editora. As editoras só oferecem espaço para os autores negros premiados ou para escritores africanos brancos. Não existe espaço

para a África Negra, por exemplo,” diz Fernanda. ■

Serviço:

Kitabu Livraria Negra
Rua Joaquim Silva, 17 Lapa, RJ
Tel:(21) 2252-0533/ 8887-0576
www.kitabulivraria.wordpress.com

Avaliação

Por: Magui Lins de Castro*

A Avaliação 360 Graus, também chamada de “feedback 360”, é um método de avaliação de pessoas que se baseia na ampla participação de todos os integrantes da equipe.

Por esse modelo, que alguns gestores preferem chamar de “avaliação multivisão”, o profissional é avaliado não somente pelo superior, mas também pelos seus pares e eventuais subordinados.

“É assim que conseguimos identificar os elos fracos de uma equipe”, explica a executiva Magui Lins de Castro, sócia da CTPartners Brasil, empresa norte-americana especializada em recrutar e selecionar executivos de alto escalão. “Um profissional pode parecer muito competente aos olhos do superior mas, na verdade, oprimir seus subordinados de uma tal maneira que estes deixam de ser proativos e não rendem para a empresa tudo o que poderiam”, esclarece a especialista, com a autoridade de quem possui uma trajetória profissional marcada pelo exercício do comando em grandes multinacionais, incluindo a presidência da filial chilena da Kodak.

Segundo Magui, no afã de mostrar trabalho, muitos executivos cometem o erro de centralizar tudo, negando-se a dividir tarefas e responsabilidades com seus pares. “Esse

tipo de comportamento não costuma gerar bons resultados”, comenta.

Como funciona

Na Avaliação 360 Graus, os participantes recebem feedbacks estruturados de seus superiores, pares, subordinados e outros stakeholders. Além disso, o profissional elabora sua própria autoavaliação.

Para chegarem a esse tal “feedback estruturado”, os membros da equipe preenchem um questionário específico, que descreve os comportamentos de liderança considerados essenciais pela organização. Os resultados são confidenciais, ou seja, a pessoa que os recebe não sabe quem a avaliou. A garantia de anonimato é uma maneira de evitar que os subordinados fiquem com medo de agir com sinceridade, e a confidencialidade em torno dos resultados poupa o avaliado de eventuais constangimentos.

Graças aos feedbacks recebidos, o profissional pode guiar melhor o seu próprio desenvolvimento, perceber em quais pontos ele pode e deve melhorar e, assim, corresponder plenamente às expectativas da empresa.

Avaliar é preciso

Manter a equipe motivada é sem-

pre importante. Em tempos de crise, então, nem se fala! Uma equipe coesa, unida em torno de objetivos comuns, disposta a enfrentar os desafios e a superar metas, é o elemento fundamental para o sucesso e, cada vez mais, para a sobrevivência das empresas.

Mas como proporcionar ânimo à equipe? Na opinião de Magui, não basta pagar salários justos e conceder benefícios. “A remuneração é importante, mas não é tudo”, garante a executiva. “Reconhecer os méritos, oferecer um ambiente saudável de trabalho e evitar certos vícios comuns à vida corporativa, como o autoritarismo da chefia e o mau costume de dar ouvido a fofocas, são medidas indispensáveis”, prossegue a gestora.

Mas há algo que, segundo Magui, tem mais peso do que todos os outros elementos juntos. “Colocar a pessoa certa no cargo certo é fundamental”, garante.

A executiva explica que um chefe que não dá retorno aos subordinados, ou os trata de maneira agressiva e autoritária; um colega inseguro, que evita compartilhar projetos e idéias com os demais membros da equipe; ou, ainda, qualquer profissional, em qualquer nível, que não

360 graus



Foto: www.dpi-imagens.com.br

cumpra plenamente o seu papel, e dessa forma acaba comprometendo o andamento do trabalho dos demais, são pessoas que travancam o progresso da empresa. “E isso in-

dependente da formação acadêmica ou do grau de conhecimento técnico que possuem”, assevera a sócia da CTPartners. “Por isso, não importa qual seja o tamanho da empresa ou

a sua área de atuação, incorporar a realização de avaliações constantes será muito produtivo”, completa. ■

** especialista em gestão de pessoas e sócia da empresa de headhunters CTPartners Brasil*

Profissionais em alta

Por: Renato Grinberg*

O bom profissional é aquele que, entre outras características, consegue se adaptar a diversos cenários, turbulentos ou não. Desta forma, terá seu espaço garantido mesmo em momentos de crise. Afinal, que organização não quer em seu quadro de funcionários alguém ágil, competente e que agregue conhecimento e valor à sua empresa? Contudo, uma questão se faz presente: neste ano, haverá, sim, profissões em alta e outras em baixa.

Os períodos de crise exigem, talvez mais do que em qualquer outro, criatividade para fazer com que as empresas consigam ter bons resultados. Controle para que as despesas não gerem desperdícios e inteligência para que se perceba qual é a melhor forma de aplicar o lucro são apenas dois exemplos de ações essenciais no cenário econômico atual.

Assim, as profissões ligadas à área de custos serão de extrema relevância para as empresas. O controller,

por exemplo, é o tipo de colaborador que as organizações procurarão este ano, pois ele tem como função desenvolver, planejar e criar possibilidades para a ligação entre a contabilidade e as outras áreas financeiras da companhia. Seu trabalho também deve ser pautado por transparência e visão de negócio.

Em contrapartida, alguns especialistas defendem a continuidade do investimento maciço em propaganda em épocas de crise, mas a verdade é que muitas empresas não terão outra alternativa a não ser cortar investimentos destinados a áreas importantes, como marketing e publicidade.

Outro fator interessante a ser notado é que já existe um aumento no número de vagas do tipo sênior. Ao que tudo indica, o mercado está em busca de profissionais experientes e com boa bagagem. Além disso, qualidades como calma e jogo de cintura serão fundamentais para enfrentar

os problemas que a crise econômica mundial acarretará em um momento não muito distante. Digo isso baseado em dados concretos apurados nos serviços de seleção e recrutamento on-line que mostram um crescimento na busca por profissionais nas áreas de Finanças, Administração, Contábil, Fiscal e de Risco.

A partir deste cenário, deixo como sugestão o seguinte: ofereça o seu melhor e vista de fato a camisa de sua empresa. Mesmo que você não trabalhe diretamente com o setor financeiro, procure meios de enxugar o orçamento, antes que alguém da contabilidade peça para que você o faça. Aproveite a oportunidade para se destacar e fazer a diferença, ou seja, ser de fato um bom profissional. ■

** diretor geral da Trabalhando.com.br, pós-graduado na UCLA (University of California, Los Angeles) com MBA pela University of Southern California, Marshall School of Business (USC).*



Por: Rosenildo Gomes Ferreira (*)

Quando a máquina de lavar das mulheres negras?

Em meados de março, o jornal tido como porta-voz do Vaticano, o “L’Osservatore Romano”, estampou em suas páginas uma reportagem que deu o que falar. O artigo trombeteava que a máquina de lavar, e não a pílula ou o acesso ao mercado de trabalho em condições menos desumanas, teria de fato emancipado a mulher. Com era de se esperar, o artigo causou furor nas feministas e engrossou o coro daqueles que veem no pontificado de Bento XVI a semente do atraso. A idéia original era “homenagear” o Dia Internacional da Mulher, comemorado no dia 8 daquele mês. Mas imaginemos, por um

átimo de segundo, a veracidade desse axioma.

De quem a máquina de lavar fala? Certamente não é de milhares de mulheres brasileiras, em sua maioria afrodescendentes, que só têm contato com esse equipamento na lida diária como empregada doméstica. Para essas, a libertação, infelizmente, ainda é uma questão semântica. Não pela profissão que abraçaram, mas efetivamente pela forma como o sexo feminino, no geral, e as afrodescendentes, em particular, se inseriu no mercado de trabalho. Pesquisas não faltam para mostrar o fosso que separa as integrantes deste grupo dos de-

mais trabalhadores e trabalhadoras, apesar dos tímidos avanços vistos ao longo da década.

O último levantamento da OIT (Organização Internacional do Trabalho) sobre a questão dá a exata dimensão do problema. Os dados cobrem o período de 1995 a 2005 e mostram que cresceu 40,8% a participação da mulher negra no mercado de trabalho. No período, o salário desse contingente avançou 42%.



Dados expressivos e que ultrapassam percentualmente os ganhos auferidos por homens (independentemente da raça) e pelas mulheres brancas. Mas a estatística, já dizia o sábio economista e pensador Roberto Campos, é uma ciência terrível, pois é como biquíni em corpo de mulher bonita: “Mostra tudo, menos o essencial”.

Os índices, vistos de forma isolada, indicariam um progresso que, na prática, está longe de acontecer. Isso porque a mesma pesquisa da OIT mostra uma face mais cruel: as mulheres afrodescendentes continuam na base da pirâmide de renda, com remuneração 50% inferior aos homens brancos e 33% menor que as mulheres brancas.

Outro estudo, o Retrato da Desigualdade de Gênero e Raça, assinado pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), reforça a face perversa do mercado de trabalho para as afrodescendentes. Com base nos dados de 2007, a entidade concluiu que esse grupo é mais fortemente afetado pelo desemprego. Fazendo um recorte por cor e sexo, as mulheres afrodescendentes têm a maior taxa de desocupação: 12,4%; contra 9,4% das mulheres brancas; 6,7% entre os homens afrodescendentes e 5,5% entre os homens brancos. No mês da mulher, algumas têm ainda menos que comemorar em relação às demais. Afinal, a máquina de lavar celebrada pelo Vaticano está presente em apenas 40% dos lares brasileiros, de acordo com a Pnad (Pesquisa Nacional de Amostragem Domiciliar), realizada pelo IBGE. Alguém se arrisca a dizer qual a tez da pele de quem comanda o lar de boa parte das 60% de domicílios sem acesso a esse bem supostamente libertador? ■

() repórter da revista Isto é DINHEIRO*

Intolerância

Por: Antonio Moura Reis, jornalista

O fato da conservadora Academia de Hollywood ter concedido dois prêmios, este ano, ao filme “Milk - A Voz da Igualdade”, representa mais um importante avanço no gradual e penoso processo de desintoxicação da humanidade em relação a preconceitos, no caso, a rançosa homofobia.

O filme tem como base a história real de Harvey Milk (interpretado por Sean Penn, ganhador do Oscar de melhor ator), um homossexual dos anos de 1970 que optou pela política como instrumento de luta contra a intolerância. Após anos de derrotas, Harvey Milk tornou-se o primeiro gay a assumir cargo na administração pública da cidade de São Francisco por meio do voto popular. Mas, como Martin Luther King, o grande ícone da luta contra o racismo nos Estados Unidos, Harvey Milk foi assassinado a tiros. As balas da intolerância, felizmente, não impediram, nos dois casos, o caminhar incessante na direção de uma sociedade igualitária, portanto justa.

Um caminhar que conduziu, apesar do alto custo em rios de lágrimas e sangue, a conquistas da di-

mensão da eleição do negro Barak Obama, como resultara aqui na soberana decisão popular de eleger o metalúrgico nordestino Luiz Inácio Lula da Silva. Decisão, aliás, confirmada por meio da reeleição e integrante do mesmo processo que conduziu o jurista Joaquim Barbosa ao Supremo Tribunal Federal e o costureiro Clodovil Hernandez ao Congresso Nacional (infelizmente, por pouco tempo).

Mas, quando começamos a acreditar que, apesar do aquecimento global, nossos filhos e netos chegarão mais perto do sonho de liberdade, igualdade e fraternidade, badaladas de sinos nos alertam que nem tudo são flores neste mundo pendular. Sons muito preocupantes ecoam dos púlpitos católicos “daqui e dalhures”, para usar palavras do grande José Saramago.

Do árido, quente, pobre e, na maioria, faminto sertão de Pernambuco, a televisão nos mostrou um bem alimentado, barbeado, escovado e paramentado cidadão que

exerce as funções de bispo católico minimizar o hediondo crime do estupro. E, baseado no que proclamou de “lei de Deus”, excomungar, ou seja, amaldiçoar médicos que tomaram a decisão técnica, no âmbito exclusivo da competência médica, de adotar procedimentos cirúrgicos de aborto. A paciente era uma menina de nove anos, vítima de estupro e grávida de gêmeos, circunstâncias em que a legislação brasileira permite o aborto. O paramentado cidadão interferiu em área técnica para a qual não tem habilitação e proclamou a desobediência à lei. Recebeu o apoio de seus pares “daqui e dalhures”. Ainda não houve parecer jurídico sobre o significado da insubordinação às leis de um País laico nem manifestação do Itamarati em defesa da soberania nacional.

A bordo do avião que o conduzia à África, continente mais afetado pela Aids, o Papa Bento XVI afirmou a jornalistas que o uso de preservativos, ou seja, da popular camisinha, aumenta o risco de pro-



<http://www.scout.org>

pagação daquela doença mortal. Não explicou as pesquisas científicas que embasam a surpreendente afirmação. Comportamento, aliás, coerente

com a postura da Igreja Católica nos tempos de Galileu, que não revelou os estudos de astronomia que fundamentaram o dogma de que nosso mi-

núsculo planeta Terra está no centro do universo, em torno do qual giram o sistema solar e todas as galáxias, conhecidas e desconhecidas. ■

Adriana

O conquistista Brasil

Essa entrevista foi feita por telefone, mas isso não impediu que fosse interrompida várias vezes para que nossa entrevistada desse atenção aos fãs. É assim desde que Adriana Alves começou a fazer TV e caiu nas graças do público ao interpretar papéis cativantes. O mais recente foi o da Condessa Finzi-Contini, da novela “Duas Caras”, da Globo.

Ela tinha 17 anos quando decidiu que queria ser atriz. Ao contrário dos dilemas que os jovens nessa idade enfrentam, a paulistana criada no Jardim 7 de Setembro, na periferia da zona sul de São Paulo, já sabia o que queria fazer da vida: atuar.

Entre a decisão tomada e o primeiro papel na TV passaram-se nove anos. Para chegar lá, Adriana sempre soube que só havia um caminho: muita dedicação e estudo. “As coisas não caem do céu. Você tem que estar preparado”, ensina.

A lição que ela mostra hoje reflete o comportamento que teve há quinze anos. Adriana se profissionalizou e enquanto a oportunidade de aparecer nas telas não surgia, fez trabalhos como modelo e comerciais de TV.

Em 2000 ela ganhou o título de 2ª Princesa do Carnaval de São Paulo. Em 2002 foi eleita a 1ª Princesa. Ainda nesse período resolveu ampliar

os horizontes e foi à luta em busca de um diploma universitário. Bolsista da Afrobras, ela iniciou o curso de Publicidade e Propaganda concluído em 2004, na Uniban.

Apesar de todas as conquistas, Adriana diz que sentia “uma mágoa no coração” por não atuar. Em 2002, a oportunidade para curar a mágoa apareceu. Ela foi chamada para fazer o personagem Pamela, no seriado “Turma do Gueto” (produzido pela Casablanca e exibido na Rede Record).

Do seriado para a novela das oito da Globo foi só questão de (pouco) tempo. “O copeiro do Gilberto Braga (autor da novela) assistia ao

“ É uma escada.
Não sei quando vamos
chegar ao topo, mas
estamos subindo ”

seriado e falou para ele que eu tinha talento. Após ver o meu teste criei o personagem Palmira. Só fiquei sabendo disso no final da novela”, conta. A Palmira fez tanto sucesso que logo depois Adriana foi chamada para fazer a Darci, da novela das seis “Como Uma Onda”.

Em 2007 a atriz voltou para o horário nobre. Desta vez pelas mãos do diretor Wolf Maya com a novela “Duas Caras”. O papel era para um personagem que apareceria em poucos capítulos, no entanto, mais uma vez Adriana mostrou a que veio. “Eu penso que o fato de a direção ter gostado fez com que eu voltasse para a trama como a Condessa Finzi-Contini.”

Quando o assunto é preconceito, ela diz que as coisas vêm mudando. “É uma escada. Não sei quando vamos chegar ao topo, mas estamos subindo”, avalia.

Como nem tudo é trabalho, não poderíamos deixar de perguntar: e o coração Adriana? “Foi amor à primeira vista”, diz sobre o relacionamento com o padeiro e apresentador de TV francês Olivier Anquier. Ela lembra que mais uma vez a Afrobras esteve presente de forma marcante em sua vida: o namoro começou no dia 20 de novembro de 2007, em um almoço promovido pela instituição. Casamento e filhos estão nos planos? “O casamento é uma instituição. O que vale mesmo é ser feliz.” ■



Foto: Divulgação

Atriz Adriana Alves

S

smart fortwo: estilo de vida urbano

Por: Francisca Rodrigues, editora executiva

O *smart fortwo*, veículo de vocação urbana feito para duas pessoas, como seu próprio nome indica, estará disponível no mercado brasileiro a partir de abril de 2009. Do Grupo Daimler AG, o *smart fortwo* reúne tecnologia, qualidade e segurança, e oferece reduzidos níveis de consumo de combustível e emissão de poluentes. Seu conceito especial de espaço oferece vantagens no trânsito intenso das grandes cidades.

“O *smart fortwo* oferece além da

ampla oferta de itens de segurança e do design marcante, a mais alta qualidade e confiabilidade característicos dos automóveis Mercedes-Benz”, comenta Gero Herrmann, presidente da Mercedes-Benz do Brasil. Ágil e com tamanho ideal para o trânsito das grandes cidades, o modelo está disponível atualmente em 37 países.

O *smart fortwo* mede apenas 2.695 milímetros de comprimento, 1.559 mm de largura e 1.542 mm de altura, com entreeixos de 1.867 mm.

O interior: mais espaço do que você pode acreditar

Um aspecto marcante do *smart fortwo* é sua sensação de espaço, comparável com a de um sedã de tamanho normal. Clientes que se acomodam ao volante pela primeira vez nunca deixam de se surpreender de como é fácil entrar e sair do carro e como o *smart fortwo* é espaçoso em seu interior.



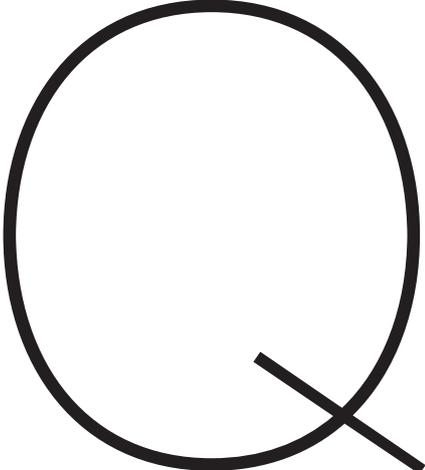
Consumo de combustível – mais de 20 km/l

Econômico e ágil, o *smart fortwo* é equipado com o eficiente e compacto motor a gasolina de três cilindros, com quatro válvulas por cilindro e

exatos 999 cm³ de deslocamento. O desempenho do motor está bem além das expectativas para um carro urbano. O *smart fortwo* alcança uma velocidade máxima de 145 km/h e oferece incrível agilidade, levando apenas 10,9 segundos para acelerar de 0 a 100 km/h. Todo *smart fortwo*

vem com *airbags* de tamanho padrão para motorista e passageiro como equipamento normal.

Seu desenho o torna objeto de desejo de consumidores que procuram um veículo que expresse sua personalidade e que os diferencie em meio aos modelos de estilo convencional. ■



Terra para quilombolas

O levantamento *Terras Quilombolas: Balanço 2008*, divulgado recentemente pela Comissão Pró-Índio de São Paulo, revela que os territórios quilombolas regularizados no Brasil estão chegando à marca de um milhão de hectares.

Essa área – mais precisamente, 980 mil hectares – está distribuída em 96 territórios quilombolas e 185 comunidades. Se considerarmos todos os títulos já concedidos (incluindo os não regularizados, cujo valor legal ainda pode ser questionado), a conta passa de um milhão de hectares (1.171.213 até setembro de 2008).

Embora os números pareçam significativos, a própria Comissão Pró-Índio ainda os considera pequenos em relação à quantidade de comunidades quilombolas existentes no país, estimada em três mil.

A luta pela titulação das terras dos remanescentes de quilombos no Brasil é antiga e ganhou força a partir da Constituição Federal de 1988, que garantiu às comunidades o direito a suas terras.

“Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os respectivos títulos”

(Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias - Constituição Federal de 1988)

Em 2008, o movimento pela titulação e regularização das terras quilombolas sofreu um grande revés, quando foi publicada a Instrução Normativa no. 49, que vincula a abertura de processo para titulação das terras a uma certidão emitida pela Fundação Cultural Palmares.

Na prática, segundo a Comissão Pró-Índio, a nova regra desrespeitaria o direito à auto-identificação, garantido pela Convenção 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho) e no Decreto 4887/2003.

Processo para titulação de terras

O documento divulgado pela Comissão Pró-Índio também alerta

para a queda da titulação das terras quilombolas pelo Governo Federal. Nenhum território foi titulado em 2008 e apenas dois em 2007.

No ano passado, as titulações foram decorrentes de processos estaduais, emitidos pelos governos do Pará, Piauí e Maranhão. No total, foram beneficiadas 1.225 famílias em 23 comunidades e 16 territórios quilombolas. A área titulada passou de 36 mil hectares, sendo 25 mil apenas no Pará.

Segundo o relatório, um dos entraves à concessão mais ágil dos títulos é a pouca capacidade do Incra em atender à demanda.

“Dados de dezembro de 2008 indicam que dos mais de 600 processos abertos pelo Incra somente 220 tiveram algum andamento. O restante apenas recebeu um número de protocolo”, indica o texto.

O documento também faz um apinhado das disputas judiciais envolvendo os territórios quilombolas, no qual observa que as ações tentando paralisar os processos atingem apenas 14 terras



Foto: André Cypriano

quilombolas, pouco, se considerarmos os 600 processos em curso.

A primeira comunidade a receber o título de terra na condição de remanescente de quilombola no Brasil foi a comunidade de Boa Vista, no município de Oriximina (PA), concedido pelo Incra em 1995. Na ocasião, 112 famílias receberam 1.125 hectares de terra.

Geralmente associados no imaginário popular a núcleos de resistência de negros fugidos contra a escravatura, estudos recentes mostram que as comunidades de quilombo se constituíram a partir de uma grande diversidade de processos.

Esses processos incluiriam as fugas com ocupação de terras livres e ge-

ralmente isoladas, mas também a heranças, doações, ou recebimentos de terras como pagamento de serviços prestados ao Estado, simples permanência nas terras que ocupavam e cultivavam no interior de grandes propriedades, bem como a compra de terras, tanto durante a vigência do sistema escravocrata quanto após a sua abolição.

O que caracterizava o quilombo, portanto, não era o isolamento e a fuga, mas a resistência e a autonomia.

Ou seja, para além de um passado de rebelião e isolamento, a classificação de comunidade como quilombola dependeria de como aquele grupo se compreende e se define - daí a importância da auto-identificação, na perspectiva da Comissão Pró-Índio.

Para a Comissão, entretanto, a principal motivação da Instrução Normativa nº 49/2008 não é conceitual e, sim, um mecanismo de impor “novos empecilhos burocráticos ao processo destinado a identificar e titular as terras quilombolas”.

Em texto publicado no seu site, a entidade se posiciona claramente:

“O recuo é uma clara tentativa de contemporizar com os interesses contrários de grupos econômicos e de parlamentares da base aliada do governo que vêm questionando na imprensa e no legislativo a legitimidade dos direitos quilombolas.” ■

Fonte: iurubim.blog (<http://iurubim.blog.terra.com.br/2009/03/11/quilombolas-tem-quase-um-milhao-de-hectares-no-brasil>)

Foto: Arquivo Ministério do Desenvolvimento Agrário



Agenda Cultural

Uma seleção do melhor da programação de arte e cultura

Por: Rodrigo Massi (agendacultural@afrobras.org.br)



De Valentim a Valentim, a Escultura Brasileira – Século XVIII ao XX



<http://farm3.static.flickr.com>

Trata-se de amplo panorama da trajetória da escultura no Brasil. Com curadoria de Emanuel Araújo e Maya Laudann, a coletiva apresenta obras de nomes consagrados como Victor Brecheret, Pasquale de Chirico, Rodolfo Bernadelli, Carybe, Rubem Valentim, entre outros.

Onde: Museu AfroBrasileiro. Rua Pedro Álvares Cabral, s/n°. Pavilhão Manoel da Nóbrega. Parque do Ibirapuera, portão 10. **Quando:** de terça a domingo, das 10h às 18h. Entrada gratuita. Telefone: 5579-8542. **Mais informações no site:** www.museuafrobrasil.com.br

Anjos e Santos: Arte Sacra nas coleções dos Palácios



Divulgação

A mostra exhibe 75 obras de arte sacra dos séculos XVI ao XIX, pertencentes ao acervo artístico dos Palácios Boa Vista, Campos Elíseos e Bandeirantes. Estão presentes obras importantes de artistas como Frei Agostinho de Jesus, Mestre Athaide, Francisco Vieira Servas, entre outros. A curadoria é do pesquisador e professor Percival Tirapelli, especialista em arte sacra e história da arte brasileira.

Onde: Palácio do Horto. Rua do Horto, 931 – Horto Florestal. **Quando:** de quarta a domingo e feriados, das 9h às 15h. Até 2 de agosto. Entrada gratuita. **Telefone:** 2193-8282. **Mais informações no site:** www.acervo.sp.gov.br

1961 – A Arte Argentina na Encruzilhada: Informalismo e Nova Figuração



Divulgação

Com curadoria do crítico de arte portenho Roberto Amigo, a exposição conta com 53 obras de autoria de 25 artistas do movimento informalista.

Onde: Galeria de Arte do Sesi. Av. Paulista, 1313. **Quando:** às segundas-feiras, das 11h às 20h, de terça-feira a sábado, das 10h às 20h, e aos domingos, das 10h às 19h. Até 14 de junho. Entrada gratuita. **Telefone:** 3146-7396. **Mais informações pelo site:** www.sesisp.org.br

A cineasta que mostra nossa cara negra



Cena do filme "Grafitti" (2007)

“Os não brancos no mundo sofrem terrivelmente de uma mais valia simbólica. Ou você se identifica com algo que nada tem a ver com você, ou com uma imagem negativa de você mesmo. Essa é a pior e a mais eficaz forma de controle social que existe.”

É assim que a cineasta paulistana Lillian Solá Santiago, 39, vê o massacre de imagens a que a população negra ainda é submetida ao assistir à TV ou quando está diante das telas de cinema. A opinião contundente é de alguém que está acostumada a defender a necessidade de mostrar a cara do povo negro nas telas de cinema e TV do País.

Em fevereiro deste ano ela ganhou o prêmio de Melhor Documentário no 1º Festival de Cinema Brasileiro de Hollywood, com o filme “Balé de

Pé no Chão - a dança afro de Mercedes Baptista” (2006), no qual divide a direção com Marianna Monteiro. Apesar de ser a primeira premiação internacional de sua carreira, ao invés de ficar se vangloriando do feito, ela diz que ganhar prêmios e concursos é uma necessidade para continuar a fazer cinema no Brasil.

O primeiro filme de Lillian só foi lançado em 2004, mas sua história com as câmeras é antiga. Ela começou a frequentar os *sets* de filmagem quando ainda era criança, ao acompanhar o pai, que era publicitário.

Com a extinção da Embrafilme, única empresa estatal que produzia e distribuía filmes no País, no início dos anos 90, Lillian engavetou seu projeto de fazer cinema e foi cursar

História na Universidade de São Paulo. “Eu achava que lá iria saber mais da história do negro no Brasil, mas a única coisa que se estudava sobre o negro era a história da escravidão”.

Com a retomada do cinema brasileiro, a historiadora se tornou assistente de produção e trabalhou em filmes como “Latitude Zero”, de Toni Venturi, “Ed Mort”, de Alain Fresnot, e “Os Matadores”, de Beto Brant.

Em 2004, com o documentário “Família Alcântara”, Lillian finalmente colocou sua assinatura em um filme. “Meu irmão tinha o interesse de fazer um curta-metragem. Eu disse que podíamos fazer um longa”.

E fizeram! Mas o caminho entre a idéia e a execução do projeto foi longo. Foi nesse momento que ela



Lilian Solá Santiago

sentiu que nem tudo era tão simples quanto imaginava. Depois de gastar muito dinheiro, Lilian decidiu participar de concursos para conseguir os recursos. Ganharam vários deles e o documentário foi produzido e exibido em salas de cinema de São Paulo. Após essa experiência ela é taxativa: “a política cultural é

perversa e elitista, porque depende muito dos contatos.”

Se a vontade de fazer cinema nasceu do convívio com a publicidade, a de mostrar a cara do negro nas telas veio da TV. “As crianças têm a necessidade de ter uma imagem com a qual se identifiquem. Eu não me via ali na TV quando era criança.”

Apesar de toda essa história, ainda hoje Lilian se depara com pessoas que questionam sua opção por filmar temas ligados ao povo negro. A resposta ela dá em forma de novos projetos. Atualmente ela está empenhada em criar uma loja virtual para distribuir seus filmes e outros com a mesma temática. “Se não fizermos, ninguém fará”. É isso aí! ■

Afrocentricidade

Da redação

Chegou ao mercado a nova edição do quarto volume da coleção Sankofa, “Afrocentricidade – Uma abordagem epistemológica inovadora” (400 p.), da Selo Negro

Edições. A obra, organizada por Elisa Larkin Nascimento, aborda os estudos Africanos, produção intelectual que tem por base os trabalhos pioneiros de Cheikh Anta Diop e Molefi K. Asante. Com o objetivo de corrigir as distorções causadas pela ausência do ponto de vista africano na historiografia mundial e pela frequente omissão do africano como protagonista da história humana, a abordagem afrocentrada enriquece o estudo da história das civilizações e contribui para fornecer novas bases de reflexão sobre nosso presente e futuro.

A apresentação da nova edição é assinada por Carlos Moore. Em seu texto ele destaca a importância da Lei 10.639 / 2003, que obriga o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas. “A lei coloca a sociedade inteira diante da obrigatoriedade de assumir o legado africano como uma pré-condição essencial para desenvolver o conhecimento”. Ele diz ainda que esse era o objetivo da coleção, já na década de 80, quando foi editada pela primeira vez.

O livro e a coleção mostram que as histórias e as culturas africanas e afro-brasileiras dizem respeito não apenas aos descendentes africanos, mas à humanidade como um todo e ao Brasil como nação. Participam da obra autores de renome, que analisam o tema da afrocentricidade de acordo com a própria área de atuação, contribuindo dessa maneira para expandir ainda mais seu alcance: Abdias Nascimento, Ama Mazama, Asa G. Hilliard III, Charles S. Finch III, Elisa Larkin Nascimento, Katherine Bankole, Mark Christian, Mekada Graham, Reiland Rabaka, Vânia Bonfim,

Wade Nobles e Maulana Karenga, além do próprio Molefi K. Asante, pioneiro na utilização do conceito de afrocentricidade.

Destaque para o design da capa, feito a partir de ideogramas do conjunto adinkra – mais de 80 símbolos que compõem um sistema de escrita dos povos akan, da África Ocidental. Um dos que foram utilizados é o Sankofa, que significa que nunca é tarde para voltar e recolher o que ficou para trás. Ou seja, a questão do retorno pauta esta obra do início ao fim, e seus textos valorizam a experiência pregressa como condição essencial ao desenvolvimento futuro.

Os outros volumes da coleção Sankofa são: “A matriz africana no mundo”, “Cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil” e “Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente”. ■

Afrocentricidade – Uma abordagem epistemológica inovadora

Organizadora: Elisa Larkin Nascimento

Editora: Selo Negro Edições

Preço: R\$ 69,90

Páginas: 400

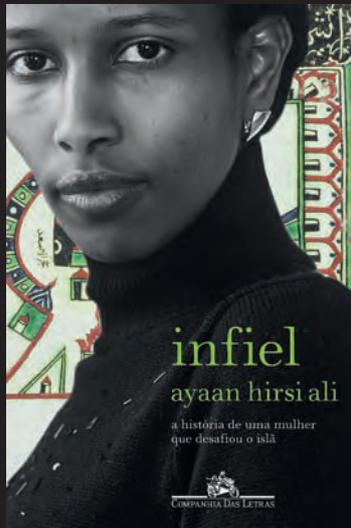


Infiel dá Voz às muçulmanas

“Nasci em um país dilacerado pela guerra e fui criada em um continente mais conhecido pelo que dá errado do que pelo que dá certo. Nos padrões da Somália e da África, sou privilegiada por ainda estar viva e sã.” É assim que Ayaan Hirsi Ali começa seus agradecimentos no livro “Infiel: A história de uma mulher que desafiou o Islã”, publicado no Brasil pela editora Companhia das Letras (2007).

Infiel é uma obra autobiográfica que começa mostrando o mundo tribal, clânico e muçulmano em que Ayaan nasce, cresce, tem o clitóris extirpado aos cinco anos de idade e tem o crânio fraturado por um pregador do Alcorão que a obriga a decorar o texto sagrado em árabe, língua que não entende.

Mas Ayaan também é filha de um importante opositor da ditadura de Siad Barré e sua família é obrigada a se exilar da Somália. E assim ela conhece os rigores do islamismo da Arábia Saudita (onde mulher não entra no país nem sai à rua desacompanhada de homem), o cristianis-



mo da Etiópia e a salada cultural do Quênia, cada país com calendário próprio e escolas em idiomas diferentes. Na adolescência, para manter sua identidade diante de tanta diversidade cultural, ela se aferra ao islamismo. Mas a perspectiva de passar o resto da vida ao lado do desconhecido com quem foi obrigada a se casar acaba por levá-la à fuga e ao exílio no Ocidente.

No exílio passou a lutar pelo direito das mulheres muçulmanas e pela reforma do islã. Sua coragem e determinação lhe valeram uma eleição para deputada na Holanda, mas

também a condenação à morte pelos radicais islâmicos, que veio na forma brutal de uma carta cravada com faca no peito de seu amigo Theo Van Gogh, cineasta com quem fizera o filme “Submissão”, em 2004, sobre a opressão da mulher no islamismo.

O livro é sobre Ayaan Hirsi, mas bem poderia ser sobre qualquer outra mulher muçulmana que tivesse a oportunidade de falar e ser ouvida. Para além dos relatos de sua vida marcada pela violência, no livro Ayaan põe o dedo em várias feridas que incomodam não apenas os muçulmanos, mas também os ocidentais. Uma delas é a armadilha e a hipocrisia dos discursos: “no Ocidente as pessoas (...) aprenderam a não ser excessivamente críticas ao examinar as religiões ou culturas das minorias, por medo de serem acusadas de racismo”, diz em determinado momento. ■

Infiel: A história de uma mulher que desafiou o Islã

Autora: Ayaan Hirsi Ali

Editora: Companhia das Letras

Páginas: 496

Lisboa



convida

A recém campanha lançada no Brasil “Lisboa Convida” visa incrementar o turismo de brasileiros à capital portuguesa. Além da facilidade do idioma, Lisboa é uma capital cheia de contrastes, com o novo e o antigo convivendo lado a lado e de forma harmoniosa, onde a juventude é sempre bem-vinda e a tradição preservada, contando todos que a visitam com a cortesia dos seus habitantes, o que a torna uma das mais hospitaleiras e interessantes cidades do mundo.

Pela cultura, pela história, pela arquitetura, pelas pessoas ou simplesmente para passear descontraidamente, é obrigatório descobrir na cidade de Lisboa os bairros de Alfama, Castelo e Mouraria.

Mil sensações num só lugar

Estoril/Cascais é um local indispensável para se descobrir. Considerada por muitos como a “Riviera portuguesa”, a vila do Estoril é repleta de glamour e carisma. Lá a oferta cultural é rica, a diversão no cassino é obrigatória, o alojamento faz jus ao que de melhor se pode oferecer. O Parque Natural Sintra-Cascais é um espaço único de proteção de espécies com muitas áreas de lazer.

O bonde é um dos mais famosos e típicos transportes de Lisboa, além de ser a melhor maneira de se deslocar pela cidade. Viajar nele é entrar num imaginário presente, mas também tradicional. A linha 28, por exemplo, é a ideal para quem segue dos bairros históricos do alto da colina, como o Castelo, até à Baixa e ao Chiado.

A Baixa é um lugar especial. Por tradição é o centro privilegiado de comércio da cidade e um espaço único para passear. Do rio Tejo, passando pelo Terreiro do Paço até o Rossio, e da Sé ao Chiado, a Baixa forma a base da identidade de Lisboa. O bairro foi totalmente reconstruído depois do terremoto de 1755, por iniciativa do Marquês de Pombal, designando-se por isso de Baixa Pombalina.

Belém e Parque das Nações

A zona ribeirinha tem o bairro mais emblemático em termos de património relacionado com os desco-

brimentos: Belém. Foi da sua praia que partiram as naus de Vasco da Gama à descoberta do caminho marítimo para a Índia e em todo o lado se respira a grandeza daquele império.

Na grandiosa Praça do Império está implantado o Mosteiro dos Jerónimos, um dos mais belos monumentos da capital. A excelência arquitetónica é evidente, tendo esta obra do período manuelino sido reconhecida como Património Cultural da Humanidade pela Unesco, assim como também outro maravilhoso monumento do manuelino, a Torre de Belém.

Bem contemporâneo é o Centro Cultural de Belém, no qual os

visitantes poderão encontrar diversas animações culturais. É um lugar para se passear pelos jardins, junto ao rio Tejo e, por fim, um lugar para degustar o delicioso pastel de Belém, uma das mais desejadas receitas da culinária lisboeta.

Puro deslumbramento

Considerada pela Unesco como património mundial na categoria de Paisagem Cultural desde 1995, Sintra é um ponto de atração inesgotável.

Adorada ao longo dos tempos por artistas e escritores de todo o mundo, a paixão pela vila atingiu o seu auge no século XIX, em plena época romântica.



Parque das Nações



Baixa Lisboa

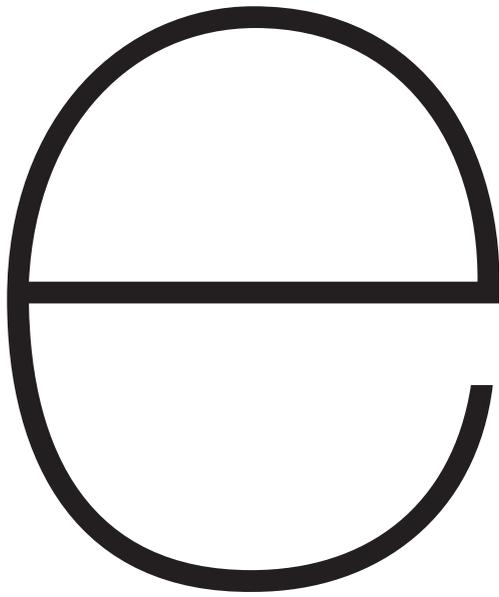
Rodeada por muralhas que remontam ao tempo dos Mouros, Óbidos é uma Vila Medieval que foi conquistada por D. Afonso Henriques em 1148 e tem entre as suas va-

riadas atrações um belo castelo, onde hoje existe uma Pousada de Portugal e de onde é possível contemplar uma magnífica paisagem.

Por último, inclua no roteiro a

região de Fátima, hoje conhecida como o Altar do Mundo, um dos principais centros de peregrinação mundial, onde milhões de peregrinos encontram conforto espiritual. ■

Peles negras:



cuidados especiais

Por: *Blanch Marie**

Nos Estados Unidos existe um departamento dentro da Sociedade Americana de Dermatologia que se dedica a pesquisas sobre a pele negra, já que este nicho de mercado cresce 20% ao ano e o mercado consumidor da raça negra gasta até três vezes mais que o dos brancos.

As peles negras sofrem com quelóides, as cicatrizes de acne, que geram manchas escuras, os melasmas, oleosidade na zona T do rosto (queixo, nariz e testa), pontos brancos nas costas, pelos encravados e regiões esbranquiçadas.

Alguma das vantagens de se ter a pele negra é ser mais elástica, ter um bloqueio maior contra a radiação solar e demorar mais para envelhecer. Dificilmente tem celulite e flacidez, mas devem tomar cuidado com as estrias, pois a pele tem uma trama mais fechada e se rompe com facilidade, por isso

é importante evitar engordar e emagrecer rapidamente e ter um cuidado com o corpo especialmente na gravidez.

Por essas razões é importante um cuidado especial com a pele e usar produtos específicos. Os cremes devem ser sem óleo e a maquiagem o mais próximo da cor da pele, se não encontrar pode usar o pó translúcido que retirará o excesso de brilho e proporcionará um toque aveludado à pele.

Uma das formas de se combater os pontos brancos nas costas é usar um bom hidratante. Tomar banhos quentes e esfregar a bucha no corpo são hábitos que podem inclusive piorar as manchas.

Use um esfoliante de quinze em quinze dias para retirar as células velhas e promover uma renovação celular.

Uma vez por mês faça uma lim-

peza de pele, evitando assim que você aperte os cravos sozinha e possa gerar manchas e cicatrizes.

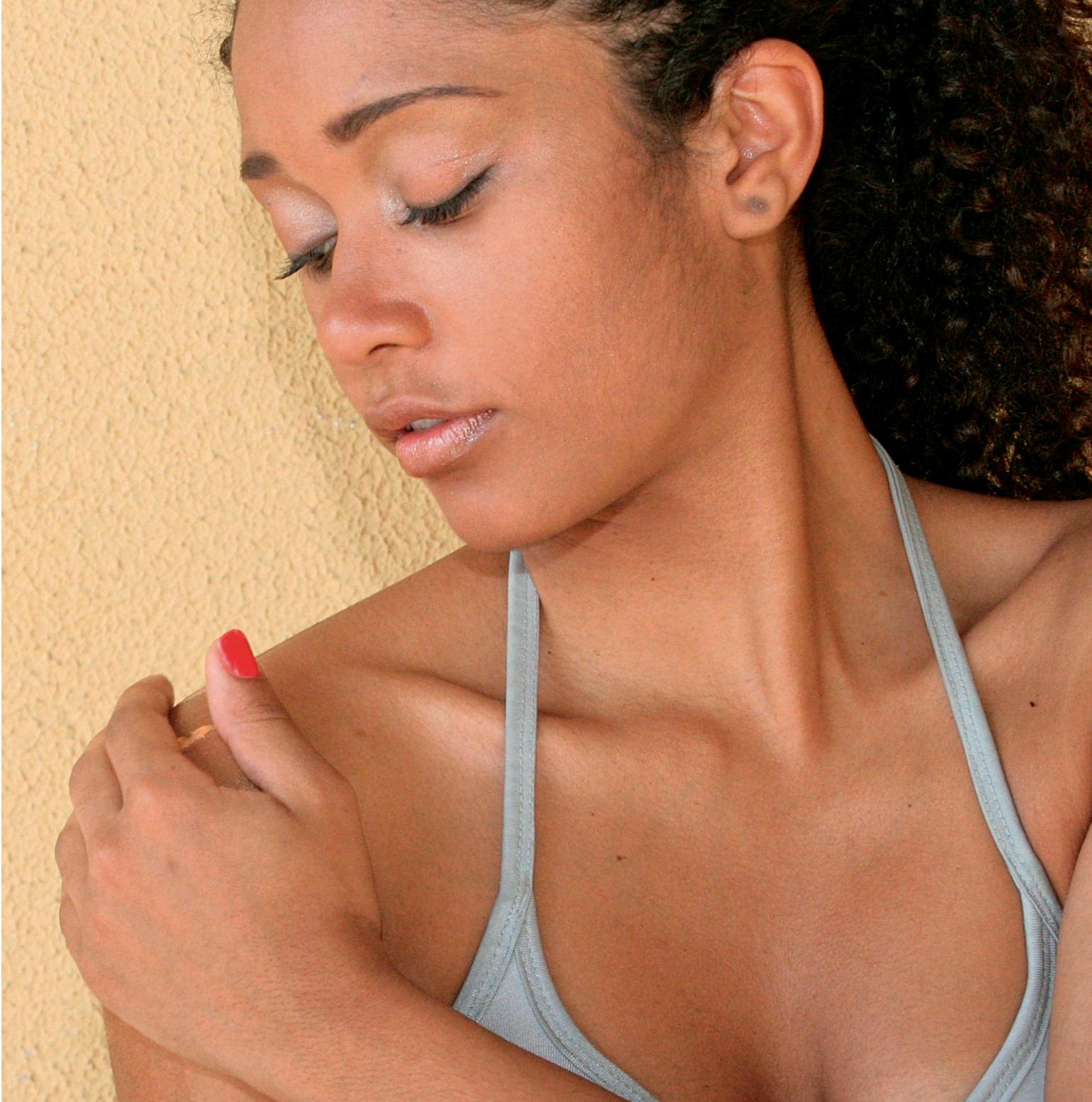
Todos os dias pela manhã e à noite higienize a pele usando um demaquilante ou gel de limpeza para retirar a maquiagem e as impurezas, depois uma loção adstringente (é uma loção própria para peles oleosas ou mistas).

Durante o dia use um protetor solar com hidratante, em loção ou gel.

À noite use um creme nutritivo para evitar o aparecimento precoce de rugas e linhas de expressão. Procure cremes à base de vitamina C

Após o banho use um bom hidratante e evite tomar banhos muito quentes, evitando assim o ressecamento da pele.

Procure um lugar especializado em peeling para peles negras, alguns tipos de peeling podem piorar suas



manchas se não forem feitas para o seu tipo de pele.

Quando estiver em processo de cicatrização de algum corte ou ferida trate o local durante a cicatrização para evitar quelóides ou man-

chas escuras na região, utilizando cremes com vitamina C ou cremes clareadores para um tratamento tardio. Se já formou o quelóide trate com laser.

Um dia antes de se depilar faça

um boa esfoliação e depois use um gel calmante para aliviar a região evitando assim pelos encravados. ■

Blanch Marie, esteticista, formada em Medicina Chinesa e massoterapia, pós-graduada em Yoga pela FMU com especialização na Índia, www.blanchmarie.com.br



discriminação nos EUA

Brasil, 18 de março de 2009: parlamentares do Senado passam cinco horas debatendo, em audiência pública, o projeto de lei que dispõe sobre cotas para negros e alunos oriundos de escolas públicas nas universidades. Mais uma vez a questão racial foi o centro da polêmica.

Estados Unidos, 4 de novembro de 2008: Barack Hussein Obama II é eleito o primeiro Presidente negro da nação mais poderosa do mundo.

Os dois fatos mostram a distância que Brasil e EUA vivem quando o assunto é discriminação racial e oportunidades iguais para todos. No Brasil, a discussão sobre as ações afirmativas se intensificou nos últimos 10 anos, mas os negros, apesar de serem a maioria da população, ainda são minoria nas universidades, recebem os piores salários e não têm acesso a vários direitos garantidos pela Constituição. Nos EUA, ações e políticas para dar conta do problema da discriminação racial

já têm mais de 50 anos, mas nem sempre foi assim.

Para traçar um panorama de como o Poder Judiciário dos EUA trata a questão da discriminação racial, esteve no Brasil o Juiz Federal Emmet Sullivan, do Tribunal do Distrito de Columbia, dos Estados Unidos.

Em palestra para alunos da Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares, em São Paulo, o juiz relatou vários casos de discriminação contra negros no país, desde 1857, apontando as falhas do Judiciário americano nesses casos. “A Suprema Corte dos Estados Unidos nem sempre teve um bom papel com relação aos casos de racismo”, disse.

Sullivan resgatou processos antigos como o de Dred Scott, em 1857, no qual a Suprema Corte declarou inconstitucionais as leis abolicionistas e negou cidadania aos negros, ainda que libertos.

Destacou também o Caso Plessy

contra Ferguson, de 1868, no qual um homem negro foi impedido de viajar em um trem na primeira classe. A partir dessa decisão foi desenvolvida a doutrina “iguais, mas separados”, que legalizou a segregação racial nos EUA.

Ao falar do Caso Brown contra Board of Education, de 1954, que revogou a doutrina de segregação, o juiz citou sua própria experiência e disse que graças a esse fato ele pode ir para o colegial. Por meio desse conhecido processo, crianças negras pediram o amparo para obter acesso em escolas públicas de sua comunidade, frequentadas por crianças brancas, sob o argumento de que o Estado não deveria manter suas escolas com base na política de segregação.

O tema das reparações também foi abordado por Sullivan. Segundo o juiz, as ações com esse teor continuam chegando aos tribunais



Foto: Divulgação

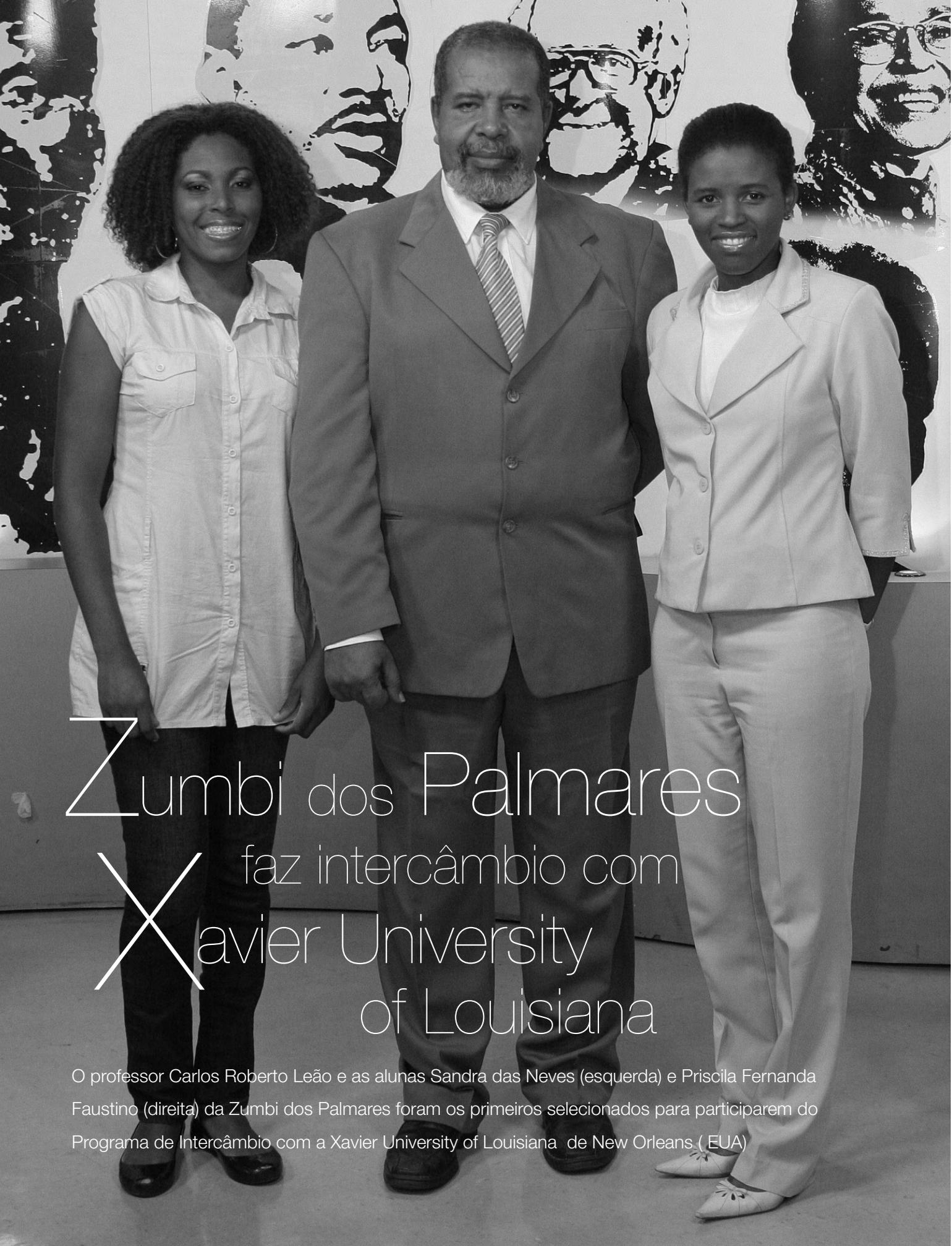
Emmet Sullivan

americanos, mas os casos tem sido indeferidos por mérito, sob a alegação de que os danos foram cometidos contra homens e mulheres que viveram há muitos anos. Ele fez um contraponto mencionando que os

descendentes de japoneses foram indenizados pelos danos sofridos na 2ª Guerra Mundial.

Presidente da Comissão de Nomeações Judiciais do Distrito de Columbia, que recomenda ao Pre-

sidente dos EUA os candidatos para integrar as cortes superiores e de apelações, Sullivan encerrou sua fala dizendo que o atual presidente Barack Obama está trabalhando em prol da diversidade. ■



Zumbi dos Palmares faz intercâmbio com Xavier University of Louisiana

O professor Carlos Roberto Leão e as alunas Sandra das Neves (esquerda) e Priscila Fernanda Faustino (direita) da Zumbi dos Palmares foram os primeiros selecionados para participarem do Programa de Intercâmbio com a Xavier University of Louisiana de New Orleans (EUA)



Assine Já

- Afirmativa é o espaço onde o negro é protagonista
- Afirmativa é um fórum onde personalidades de todos os matizes políticos, raciais, sociais e religiosos discutem a integração, o desenvolvimento, e a valorização da diversidade
- Afirmativa é uma revista de interesse geral que debate assuntos que dizem respeito a toda sociedade
- Afirmativa é um veículo de divulgação de força, da criatividade, dos valores e das aspirações do negro brasileiro

Se você concorda com as afirmações acima, assine embaixo

Desejo fazer uma assinatura da revista Afirmativa

Nome _____
CPF: _____
Endereço: _____
CEP: _____
Telefone: _____
E-mail: _____

Se preferir ligue para 0xx11 3229 4590 ou acesse o site www.afrobras.org.br

Assinatura por 1 ano (6 edições) R\$ 49,00

Assinatura por 2 anos (12 edições) R\$ 86,00



Com o nosso cartão, cada compra é uma
contribuição para um futuro melhor.

Peça já seu Cartão Instituto HSBC Solidariedade* e ajude
muitas instituições. porummundomaisfeliz.org.br



**INSTITUTO HSBC
SOLIDARIEDADE**

HSBC Bank Brasil S.A. - Banco Múltiplo *Sujeito a aprovação de crédito.